

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE CAMPUS
DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E
LETRAS CURSO DE HISTÓRIA.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (PPGH)

Marcia Borges de Goes de Paula

**PALAVRAS QUE OCUPAM MUITO ESPAÇO – A RESISTÊNCIA
À DITADURA MILITAR NA LITERATURA INFANTIL DO BRASIL E
DA ARGENTINA (1970 – 1980)**

Marechal Candido Rondon

Novembro 2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE CAMPUS
DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E
LETRAS CURSO DE HISTÓRIA.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (PPGH)

Marcia Borges de Goes de Paula

**PALAVRAS QUE OCUPAM MUITO ESPAÇO – A RESISTÊNCIA
À DITADURA MILITAR NA LITERATURA INFANTIL DO BRASIL E
DA ARGENTINA (1970 – 1980)**

Dissertação para banca do Mestrado
Orientadora Profa. Dra.: Ângela Meirelles de Oliveira

Marechal Cândido Rondon

Novembro 2023

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de chegar até aqui e, se possível, ir além.

À minha família, minha rede de apoio meu companheiro de luta Jair de Paula e minhas filhas e filho, os quais me instigam a buscar sempre o melhor tanto para eles como para mim mesma.

À minha orientadora Ângela Meirelles por embarcar no mundo da fantasia para trazer a história para o mundo real.

RESUMO

O presente trabalho aborda o papel da literatura infantil na resistência à ditadura militar no Brasil (1964-1985) e na Argentina (1976 – 1983) por meio do estudo das obras *História meio ao contrário* (1977), de Ana Maria Machado, e o conto *Un elefante ocupa mucho espacio* (1975), de Elsa Bonermann. Assim como outras manifestações culturais, a literatura infantil sofreu com censuras e restrições, sendo considerada perigosa para a “moral e os bons costumes”. O texto destaca a importância da literatura infantil como fonte histórica pouco explorada que pode ajudar a entender o passado desconhecido e identificar os sujeitos sociais e o mundo em que vivem. A pesquisa histórica a partir de livros infantis contribui para a compreensão dos modos como os autores expressavam suas ideias e sentimentos e ao mesmo tempo, exerciam formas de resistência política no contexto de regimes ditatoriais.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura militar, Literatura Infantil, Brasil, Argentina, Resistência.

ABSTRACT

This paper looks at the role of children's literature in resisting the military dictatorship in Brazil (1964-1985) and Argentina (1976 - 1983) by studying the works *História meio ao contrário* (1977), by Ana Maria Machado, and the short story *Un elefante ocupa mucho espacio* (1975), by Elsa Bonermann. Like other cultural manifestations, children's literature suffered censorship and restrictions, being considered dangerous to "morals and good customs". The text highlights the importance of children's literature as a little-explored historical source that can help to understand the unknown past and identify social subjects and the world in which they lived. Historical research based on children's books can help to understand the ways in which authors expressed their ideas and feelings and, at the same time, exercised forms of political resistance in the context of dictatorial regimes.

KEYWORDS: Military dictatorship, Children's Literature, Brazil, Argentina, Resistance.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - O LIVRO INFANTIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PESQUISA	12
1.1 A HISTÓRIA COMPARADA POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL..	19
1.2 OS FINS JUSTIFICÁVEIS ENTRE A CENSURA E CENSURADOS.....	24
CAPÍTULO II - BREVE HISTÓRIA SOBRE A INFÂNCIA E LITERATURA NO BRASIL E NA ARGENTINA	36
2.1 A CRIAÇÃO DA INFÂNCIA.....	36
2.2 DA EDUCAÇÃO PARA A LEITURA: REFORMAS EDUCACIONAIS PARA O BENEFÍCIO DE POUCOS.....	43
CAPÍTULO III – CENSURA E RESISTÊNCIA NAS OBRAS DE ANA MARIA MACHADO E ELSA BORNEMANN	47
3.1 UM BRASIL MEIO AO CONTRÁRIO	53
3.2 A DITADURA E O “ELEFANTE” NA ARGENTINA.....	64
REFERÊNCIAS	79
ANEXOS	83

INTRODUÇÃO

Não faz muito tempo que a literatura infantil passou a incorporar a ampla camada de documentos classificados como fontes históricas. Ela é discutida no campo teórico por diversos estudiosos e aos poucos foi encontrando espaço por meio de novas pesquisas. A literatura infantil e sua relação com a história, política e educação são áreas de estudo interconectadas, que têm passado por transformações importantes ao longo do tempo. Como Carla Bassanezi Pinsky (2008) observa, no final do século XIX e início do século XX, fontes históricas diversificadas (como estatutos e leis, jornais e periódicos, cartas e correspondências pessoais, diários e memórias, fotografias, obras literárias e arte visual). Além disso, a literatura passou a ocupar um espaço significativo nesse contexto, fornecendo insights sobre as preocupações, ideias e valores da sociedade da época. Essa evolução se intensificou em 1970, consolidando os gêneros literários como parte essencial das pesquisas históricas.

A educação e a literatura infantil são temas importantes e interligados que têm sido objeto de muito estudo e reflexão na América Latina. Ao longo do tempo, a educação e a literatura infantil desempenharam papéis cruciais na formação da identidade cultural e no desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais das crianças e jovens.

Considerando os processos que levam ao surgimento da literatura infantil, quer seja ela atribuída como ferramenta pedagógica ou como um gênero literário em si, torna-se evidente sua relação com o contexto histórico em que emerge e ganha novas características conforme vai se desenvolvendo. Nesse sentido o uso de livros infantis na pesquisa historiográfica ganha novos questionamentos, com objetivo de rever fatos importantes que permeiam as questões sociais políticas e culturais de ambos os países durante os regimes militares.

Esta investigação tem como propósito realizar uma análise comparativa dos impactos das ditaduras militares no Brasil (1964-1985) e na Argentina (1976-1983), com ênfase na contextualização das obras literárias voltadas ao público infantil produzidas durante esses períodos. Nesse contexto, o livro *História meio ao contrário* (1977), de Ana Maria Machado, e o conto *Un elefante ocupa mucho espacio* (1975), de Elsa Bonermann, são um exemplo de como essas escritoras encontraram em sua literatura infantil uma maneira de expressar a necessidade urgente de transformações históricas.

Ambas foram diretamente afetadas pela repressão imposta pelos regimes autoritários

após os golpes militares em seus respectivos países, e encontraram na literatura uma maneira de transmitir suas experiências e perspectivas acerca desse período turbulento. O foco central desta pesquisa será avaliar como essas ditaduras influenciaram a produção artística, literária e cultural, explorando as nuances e reflexões presentes nas obras produzidas durante esses períodos históricos.

O método utilizado para entender a relação entre países culturalmente distintos baseia-se em alguns pressupostos teóricos. Sendo a primeira delas a metodologia indiciária de Carlo Ginzburg (2006), que se concentra em identificar pistas sutis em fontes históricas para compreender eventos e culturas passadas; além disso, recorreremos à história comparada, que ressignifica temas já abordados ao trazer novos aspectos que adensam a pesquisa, apresentando novas oportunidades para a historiografia. Segundo Maria Lígia Coelho Prado (2005) a comparação nos permite analisar as articulações políticas e sociais e lugares, como é o caso dos países aqui presentes, “pois elas são múltiplas e ligadas entre si, comunicando-se umas com as outras” (PRADO, 2005, p.28). Por meio da comparação, é possível identificar semelhanças e diferenças entre os processos históricos que ocorrem em lugares, tempos e espaços diferentes.

Esse exercício nos possibilita articular as relações entre a literatura infantil e a educação, e como a relação entre ambas constrói uma documentação de valor incontestável para a investigação historiográfica sobre o período, e por meio delas podemos conhecer uma história sobre os países da América Latina que ainda não foi contada. Nesse caso, as literaturas infantis produzidas durante os regimes militares proporcionam um novo caminho para compreender como foram construídos espaços para manifestação políticas, sociais e ideológicas dentro de um gênero literário infantil.

Antes, porém é necessário ir além, buscar entender de que forma a literatura infantil se constituiu, visto que ela não caminha sozinha, pois desde sua constituição nos países da América ela tem uma forte relação com a educação como conhecemos hoje. Por sua vez, na América Latina, a literatura infantil durante muito tempo percorreu um caminho solitário, sem o reconhecimento merecido e a valorização necessária para que se desenvolvesse plenamente.

A educação, como apontado por Soares (2007), muitas vezes assume um caráter doutrinador, quando o Estado busca transformar a escola primária em um meio de instrução e controle das "massas". Essa abordagem acaba por afastar a educação de sua função primordial, que é a de guiar o conhecimento dos indivíduos sobre si mesmos e o mundo, respeitando as diferenças e as singularidades de cada um. Já a literatura infantil, tem sua

trajetória estreitamente ligada a um universo singular que é a infância, e dado essa relação ela incorpora a educação e a formação de leitores.

Nesse sentido, a influência do Estado na educação ao mesmo tempo em que pode promovê-la, muitas vezes compromete a capacidade da escola de cumprir seu papel de fomentar a compreensão e respeito mútuo, contribuindo para uma análise crítica de como a educação se encaixa no contexto histórico. Conforme afirma Regina Zilberman (1987. p.4), “a conceituação da literatura infantil supõe uma consideração de ordem histórica”; nesse caso, a articulação entre educação e literatura permite compreender como as autoras Elsa Bonermann e Ana Maria Machado, empregaram sua escrita para criar histórias que serviram como forma de resistência durante as ditaduras militares no Brasil e na Argentina. A censura que afetou esses países é uma questão persistente na produção e distribuição de literatura infantil ao longo do tempo. Do mesmo modo que inclui a proibição de livros que são vistos como ameaçadores às ideologias dominantes, utilizam das obras como forma de manipulação do conteúdo para reforçar determinadas crenças políticas e valores.

A relação intrincada entre literatura infantil, educação e política merece atenção, uma vez que influencia diretamente a formação de identidades culturais, o desenvolvimento cognitivo e social das crianças e, ao mesmo tempo, é moldada por eventos históricos e contextos políticos. Portanto, ao explorar a literatura infantil produzida durante os regimes militares, esta pesquisa lança luz sobre como a ficção pode se tornar um espelho e uma ferramenta de resistência, proporcionando uma nova maneira de compreender os momentos históricos vividos na América Latina.

Sendo assim, essa dissertação é dividida em três capítulos; o primeiro explora o papel crucial da literatura infantil na formação emocional e cognitiva das crianças, destacando a resistência dos autores durante regimes autoritários. O segundo capítulo destaca a evolução da literatura infantil no Brasil e na Argentina, desde sua função pedagógica até seu desenvolvimento enquanto gênero textual. Por fim, o terceiro capítulo analisa como os autores latino-americanos usaram a literatura infantil para expressar descontentamento e denunciar violações dos direitos humanos durante regimes militares.

CAPÍTULO I - O LIVRO INFANTIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PESQUISA

“Ah! Tu, livro desprezioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal.” (MEIRELES, 1979, p.28)

Quando ingressei como professora Educação carregava apenas o conhecimento teórico adquirido durante minha formação como educadora e as experiências da maternidade. No entanto, ao começar a me envolver em projetos de musicalização e contação de histórias, surgiu a necessidade de definir um objeto de pesquisa, pois eu estava iniciando a graduação em História. Foi nesse momento que a literatura infantil entrou em cena, e esse tema despertou novos questionamentos.

Desde que me tornei professora de educação infantil tenho observado as diversas nuances e singularidades das crianças com as quais trabalho. Ao longo do tempo, tive contato com diversas formas de literatura, criei minhas próprias histórias e me envolvi com as tramas criadas. Como disse Cecília Meireles (1979, p.42), "O gosto de contar é idêntico ao de escrever", e eu descobri que isso é verdade para mim. Desde que conheci o universo mágico dos contos infantis fiquei encantada e absorta em seus ensinamentos.

O que costumava ser considerado inocente para mim despertou uma profunda curiosidade sobre o poder de transformação. Isso se tornou evidente quando a literatura infantil se tornou alvo de políticas públicas durante o regime militar. Conforme mergulhei mais profundamente na pesquisa sobre a literatura infantil como uma fonte histórica, percebi que esse gênero narrativo foi criado com um propósito específico para um público cuja perspectiva de mundo é diferente da minha (ou nossa).

Com o passar do tempo, forjei a oportunidade de harmonizar minhas inclinações pessoais com as exigências acadêmicas, o que culminou nessa pesquisa que atualmente se materializa nesta investigação historiográfica. O cerne desta análise consiste em estabelecer correlações entre a narrativa e as transformações históricas que permearam a ditadura enquanto também desvendamos os elementos constituintes das obras literárias e seus significados socioculturais em relação às ditaduras militares do Brasil e da Argentina.

Refletindo sobre a literatura infantil, podemos compreender que ela é destinada a um público exigente, que possui uma habilidade única de olhar o mundo e se relacionar com ele. Segundo Fanny Abramovich (1997), a literatura infantil permite que a criança interaja com o mundo através de brincadeiras e histórias que estimulam sua imaginação, criando um

mundo de fantasia que a envolve e a instiga. A autora destaca a importância desse tipo de literatura para o desenvolvimento infantil, pois ela ajuda as crianças a compreenderem e lidarem com situações e emoções complexas de forma lúdica e divertida.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente o que as narrativas provocam em quem as ouve. (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

Como Meireles afirma: "as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com as vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas." (MEIRELES, 1979, p.42). Isso nos mostra que a literatura infantil tem a capacidade de ser viva e humana, com histórias contadas e compartilhadas entre pessoas. As palavras e a imaginação presentes na literatura infantil frequentemente dialogam com a realidade, exercendo um impacto significativo no mundo em que vivemos.

Aquilo que nos inquieta muitas vezes é o motor que nos impulsiona a lutar. A busca por fontes alternativas, como a literatura infantil, levanta novas questões sobre sua materialidade e a informação que ela pode trazer à tona em relação a questões políticas e sociais ainda não completamente esclarecidas.

O que me encanta em uma história infantil é a capacidade do(a) autor(a) de navegar pelo mudo da imaginação, utilizando a fantasia para proporcionar um mundo de descobertas. "Mas ainda mais importante que a figura do herói talvez seja o objeto de suas ações." (MEIRELES, 1979, p.100). Por meio dos livros infantis, as crianças podem ser introduzidas a questões importantes relacionadas à sociedade, cultura, política, história, ciência, entre outros temas. Peter Hunt (2011) destaca a relevância dos livros infantis na sociedade:

A literatura infantil possui em si gêneros específicos: a narrativa para a escola, textos dirigidos a cada um dos sexos, propaganda religiosa e social, fantasia, o conto popular e o conto de fadas, interpretações de mito e lenda, o livro-ilustrado (em oposição ao livro com ilustração) e o texto de multimídias. O reconto de mitos e lendas é pouquíssimo encontrado fora do universo da literatura infantil. Existem obras de tamanha sutileza e complexidade que podem ser lidas com os mesmos valores de estilo e conteúdo que os "grandes livros" para "adultos". (HUNT, 2011, p.30)

Os livros infantis, com sua combinação de fantasia, não apenas transportam as crianças para mundos mágicos, mas também as equipam com ferramentas valiosas para entenderem o mundo real e as complexidades da sociedade. As narrativas proporcionam experiências enriquecedoras através de histórias que envolvem seres encantados como dragões, fadas,

duendes, humanos e animais em um espaço lúdico¹ oferecendo-lhes novas perspectivas para uma compreensão mais profunda das realidades intrincadas nas dinâmicas sociais que as cercam.

Para Fernanda Coutinho (2016), é dentro desse universo criado para o entretenimento que os animais frequentemente desempenham papéis importantes estabelecendo uma conexão entre arte e pensamento, revelando o poder da linguagem em oferecer novas perspectivas e transformar a percepção das pessoas em relação às verdades aparentemente simples, como afirma a autora:

Na medida em que entrelaça os temas da infância e do animal, a Literatura Infantil Contemporânea estabelece um elo entre Arte e pensamento, ou entre Literatura e seres vivos, denotando a potência dessa forma de linguagem em sua capacidade de apresentar novas maneiras de recriar o real, transmutando, por vezes, a percepção dos indivíduos face a verdades tidas como incontestes. (COUTINHO, 2016, p.74)

A literatura, no uso de suas atribuições, exerce um papel importante na subversão do pensamento convencional sobre o mundo animal e o transforma em um instrumento de aprendizagem para se usufruir no mundo real. "Uma vez que nele é razoável valorizar a vida dos sentidos e essa pode ser ensinada às crianças pelos animais" (COUTINHO, 2016, p.76). As narrativas que fazem uso de animais como protagonistas desempenham um papel significativo na tradição literária.

De acordo com Fernanda Coutinho (2016), a presença de animais na literatura tem uma longa história: estende-se desde as fábulas de Esopo na Grécia antiga até a obra de George Orwell no século XX.

A proximidade entre crianças e animais no âmbito da imaginação é bastante antiga, como não se desconhece. Na galeria de personagens que compõem a Literatura Infantil, aliás, um lugar todo especial é reservado ao animal, tal a afinidade revelada entre os bichos e essa forma de criação. Mesmo as fábulas que a princípio não tinham como público-alvo a figura do pequeno leitor, passaram com o tempo a integrar o quadro da Literatura para crianças. Trata-se, portanto, de uma assimilação, por afinidade, de um gênero, cuja origem é bastante remota, anterior mesmo a Esopo (620-560 a.C.), seu fixador no sistema literário ocidental." (COUTINHO, 2016, p. 78)

¹ O livro inovou ao utilizar uma linguagem lúdica que usa elementos divertidos, jogos, brincadeiras e imagens para facilitar a compreensão das histórias infantis. De acordo com o dicionário online português e o site sobre significados: "O lúdico cria um universo próprio, fechado, onde operam as próprias regras, a própria lógica. Pode estar relacionado com a fantasia, com a criação e o desenvolvimento das relações interpessoais na brincadeira. Um texto ou discurso lúdico é uma produção cultural que é capaz de divertir o leitor ou ouvinte". Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ludico/> e <https://www.significados.com.br/ludico/>. Acesso em: 23 de março de 2023

No contexto brasileiro, essa tradição também encontrou expressão através de diferentes meios. Por exemplo, no Brasil, a peça teatral "Os Saltimbancos" adaptou a narrativa dos músicos de Bremen, onde animais formam um grupo para enfrentar desafios juntos. Essas narrativas têm servido como pontes entre a arte e o pensamento, como destacado por Fernanda Coutinho em seu trabalho de 2016.

Tanto do ponto de vista político quanto comercial, "os livros para criança têm, e tiveram, grande influência social e educacional; são importantes tanto em termos políticos como comerciais" (HUNT,2011, p.30). Além disso, a indústria editorial de livros infantis é um mercado com grande impacto econômico e cultural. Dessa forma, é possível afirmar que os livros infantis exercem uma influência na formação das crianças e na sociedade como um todo. Eles não apenas moldam a visão de mundo das crianças, mas também na maneira como a sociedade é compreendida e interpretada.

Ao explorar a literatura infantil como fonte de pesquisa, é possível ter acesso a uma visão mais ampla e abrangente da sociedade e dos valores que permeiam as diferentes épocas e culturas. Como bem apontado por Chartier (1999, p.205), "Quando a literatura a tematiza, ultrapassa sempre as questões clássicas dos historiadores, e leva-os a construir de outro modo o próprio objeto de sua indagação". Isso é especialmente verdadeiro quando se trata de literatura infantil, um gênero que exige muito de seu público-alvo ao criar um universo rico em ideias e significados que aproveita a habilidade inerente à infância de observar e se relacionar com o mundo ao seu redor.

Ou seja, uma abordagem especificamente histórica da literatura, como Chartier propõe, consistiria em não dar o discurso como natural, mas buscar, a partir de discursos particulares, a possibilidade de reconstruir os sistemas de representação que os subentendem, como relação de usos/estruturas. (CHARTIER, 1999, p.210)

Entender e trabalhar com literatura infantil pode ser uma tarefa desafiadora, mas também muito gratificante e enriquecedora. A literatura infantil pode fornecer insights valiosos sobre a sociedade em que foi criada, bem como sobre as questões e preocupações que eram importantes para os autores e para as crianças da época. As obras escolhidas *Un elefante ocupa mucho espacio*, da escritora argentina Elsa Bornemann (1975), e *História meio ao contrário*, da autora brasileira Ana Maria Machado (1977), apresentam um desafio expressivo. As autoras viveram em países com ditaduras militares e usaram suas experiências e escritas, incluindo a literatura infantil, para expressar a necessidade de transformação

histórica em suas obras.

A pesquisa historiográfica, utilizando a literatura infantil como fonte, carrega um sentido de busca e curiosidade que permeia entre a fantasia que inspira reflexões sobre o mundo real, ao mesmo tempo em que busca evidências do passado que ainda não foram contadas. Conforme Lígia Chiappini (2000, p.22), "... os textos literários tem uma linguagem especial. Que além de subjetivos, de inventivos, de imaginativos, além do trabalho com a fantasia, operam com metáforas com figuras, com alusões, com símbolos." A linguagem presente nos textos literários possui uma característica especial.

Esses elementos não apenas enriquecem a obra, mas também a tornam mais complexa e, muitas vezes, aberta a diferentes interpretações por parte do leitor. É importante considerar essa especificidade da linguagem literária. "A literatura entra nesse contexto como parte de um sistema que a condiciona, atravessa e a transcende" (BOSI, 2002, p.9). Ao mesmo tempo em que encanta, a literatura infantil é uma fonte histórica importante, pois foi criada com um propósito específico para um público que tem uma perspectiva de mundo diferente da dos adultos.

Quando tematizada, a literatura ultrapassa as questões clássicas dos historiadores, levando-os a construir de outro modo o próprio objeto de sua indagação, conforme apontado por Chartier (1999). Dessa forma, a literatura infantil torna-se uma ferramenta valiosa para entender a cultura, a sociedade e a história de uma época, permitindo questionar suas múltiplas dimensões e significados.

A autora Cecília Meireles (1979) aponta para a função utilitária da literatura tradicional, que busca tanto dirigir-se às forças da natureza para garantir benefícios materiais quanto transmitir experiências e conhecimentos acumulados ao longo do tempo. É interessante notar que a literatura tradicional é, muitas vezes, uma forma de preservar e transmitir o conhecimento popular e a sabedoria acumulada pelas gerações anteriores. Além disso, ela pode ter uma dimensão mágica e ritualística, buscando estabelecer uma conexão com forças sobrenaturais e divinas para garantir a proteção e o bem-estar das pessoas.

A literatura tradicional é, já o dissemos, nitidamente utilitária. Por um lado, valendo-se do poder mágico da palavra, dirige-se às forças da natureza, aos poderes despertadores de benefícios materiais, para que a vida do homem seja mais próspera ou mais feliz. Por outro lado, utilizando o poder comunicativo e sugestivo da palavra, procura transmitir a experiência já vivida, e que encerra, embora de modo empírico, noções do mundo e de seus diversos problemas, numa síntese da vida realizada pelos que observarão de mais perto, e à custa própria. (MEIRELES, 1979, p.45).

No entanto, é importante lembrar que a literatura também pode ter uma dimensão estética e artística, capaz de explorar as possibilidades da linguagem e criar obras que transcendem a mera utilidade prática. A literatura contemporânea, por exemplo, pode questionar e subverter as normas e valores tradicionais, trazendo à tona temas e perspectivas que foram ignorados ou marginalizados pela literatura anterior.

Meireles (1979) nos convida a refletir sobre a relação entre a literatura e a vida cotidiana, entre a utilidade e a arte, entre a tradição e a inovação. A literatura pode ser um meio de acessar o conhecimento acumulado pela humanidade e de transmiti-lo às gerações futuras, mas também pode ser uma forma de questionar e transformar o mundo em que vivemos. Em última análise, a literatura é uma forma de expressão humana que reflete e dialoga com as experiências e os dilemas da vida em sociedade.

Ao mesmo tempo, por meio da ludicidade lança questionamentos quanto a sua realidade e sua experiência como personagem dentro de um contexto histórico como é o caso das autoras aqui representadas. Conforme as palavras de Alfredo Bosi:

Ora, um narrador tanto pode montar a figura alegórica do trabalhador médio, tipificando-o ao extremo, para fins didáticos ou partidários, quanto pode plasmar fácil única de Pedro ou de Paulo, que "diferentes do trabalhador médio". Mas um romance não é precisamente uma linha de montagem em que as personagens se compensam umas às outras para produzir "trabalho social médio" exigido pelo patrão. Por isso o exame das narrativas de um certo período contemplará com a mesma atenção o tipo médio e o indivíduo que dele defere. Para a história das produções simbólicas, para a história da literatura, a Pedro a Paulo dentro do narrador médio com graus diversos de identificação, distanciamento e, no limite, ruptura. (BOSI, 2002, p.31).

Bosi (2002) enfatiza a importância do papel do narrador na construção das personagens e suas histórias em um romance, destaca que o objetivo de um romance não é criar uma linha de montagem de personagens. Nesse sentido, é essencial que o narrador preste atenção tanto no que pode ser uma figura alegórica ou típica usada para fins didáticos ou partidários, quanto em personagens individuais. Para a história das produções simbólicas e da literatura, é importante que o narrador aborde tanto o tipo médio quanto o indivíduo que dele difere. Isso implica em se identificar, se distanciar e, em alguns casos, romper com o narrador médio em diferentes graus.

Através desse tipo de abordagem, torna-se possível compreender o impacto histórico dessas práticas culturais. Alfredo Bosi ao falar sobre o papel da literatura como fonte explica

que; “A história literária tende a selecionar os seus objetos e o faz com um critério mais rigoroso, com um peneiramento mais fino do que a historiografia social”. (BOSI, 2005, p. 329). Ao considerar a literatura infantil como um campo de pesquisa privilegiado, podemos explorar as diversas possibilidades que essas obras oferecem. Ao percorrermos seus caminhos, podemos compreender que o passado está presente nesses livros e que é possível descobri-lo.

Quando se trabalha com literatura infantil como fonte, é essencial reconhecer que essas obras não se limitam ao mero entretenimento, mas possuem uma intenção transformadora que se concretiza através de narrativas que instigam a imaginação e criam um universo próprio. Para Bosi:

É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transita na vida real. A literatura, como ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerando em geral como lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente. (BOSI, 2002, p.135)

A análise historiográfica tem por objetivo identificar as transformações e permanências que permeiam a literatura infantil, acompanhando seu desenvolvimento ao longo do tempo e considerando o contexto social em que está inserida. Ao se analisar obras literárias como fonte de informação e reflexão sobre a sociedade e a cultura de determinada época, é possível perceber que a literatura infantil exerce um papel importante nesse contexto. “A literatura infantil, por inquietante que seja, pode ser definida de maneira correta como: livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças.” (HUNT, 2011, p.68). Nesse sentido, o estudo da literatura infantil e infantojuvenil como fonte histórica é um campo ainda em desenvolvimento, que requer um esforço significativo para decifrar a mensagem que se encontra por trás das histórias contadas para as crianças.

A literatura infantil não é apenas um meio de entretenimento ou de ensinar valores, mas também uma forma de compreender a sociedade e a cultura em que as crianças são criadas. Referindo a literatura infantil é possível concordar com Chiappini (2000, p.24) quando afirma que: “A literatura seria, assim, uma forma de conhecimento que nos ensinaria a ler o real e não deveríamos ver no discurso literário a manifestação de uma pré-história ponto”. Ao contar histórias individuais, o narrador tem a oportunidade de criar uma conexão com os leitores, proporcionando-lhes uma compreensão mais profunda do mundo e das pessoas ao seu redor.

Apesar de ser um tema pouco abordado, a literatura infantil possui uma grande contribuição para o campo da historiografia. Na minha pesquisa, utilizo livros infantis como base para trazer à tona fatos históricos e esclarecer muitas questões pendentes sobre o período que estudo, que é a ditadura militar. Como já falado anteriormente as histórias infantis, tem a finalidade de entreter e educar as crianças em suas diferentes fases da vida, ajudando-as a se reconhecer no mundo em que vivem como sujeitos, com suas próprias ideias e emoções, além de se tornarem sujeitos históricos. Essa é uma reflexão importante sobre a utilização da literatura infantil como fonte histórica.

1.1 A HISTÓRIA COMPARADA POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL.

Os livros infantis estão relacionados com as concepções de mundo de seus autores e do período histórico em que foram escritos. Portanto, é preciso analisar cuidadosamente essas obras para buscarmos compreender a história, a cultura e a sociedade em que foram criadas. Brasil e Argentina são frequentemente comparados e estudados juntos em pesquisas históricas e sociais porque são os dois maiores países da América do Sul em termos de território e população. Ambos os países têm uma herança cultural influenciada pelos povos indígenas, europeus e africanos e passaram por regimes autoritários em suas histórias recentes e têm uma história de luta pelos direitos humanos e democracia.

A história comparada é utilizada para compreender como dois livros infantis produzidos durante as décadas de 1960 a 1980 contribuem para desvendar fragmentos de uma história que precisa ser lembrada. Isso mostra como a literatura pode ser uma forma de manter viva a memória de eventos históricos importantes. Enrique Serra Padrós (2004, p.5), aponta os perigos dos regimes de exceção que, com suas motivações repressivas, podem levar a um "esquecimento organizado", tornando-se um obstáculo para a busca pela verdade e pela justiça. Em outro artigo Padrós (2005, p.42), destaca o caso das ditaduras de Segurança Nacional, que ainda demandam respostas e esclarecimentos,

O estudo das ditaduras de Segurança Nacional (SN) mantém vigência diante da necessidade de responder a muitos questionamentos, particularmente dos formulados pelas organizações de direitos humanos, no que diz respeito aos fatos vinculados ao TDE, bem como à permanência de feridas produzidas pela impunidade e pela ausência de esclarecimentos, (PADRÓS, 2005, p.42)

Padrós (2005) destaca a importância de estudar e lembrar os regimes autoritários e suas consequências. Além disso, é relevante lembrar que a liberdade de expressão e os direitos humanos são fundamentais para a preservação da democracia e para evitar a repetição de violações de direitos no futuro. Nesse sentido, a história comparada por meio da literatura infantil desempenha um papel crucial no cumprimento desse propósito.

Esse paralelo é importante para refletir sobre a importância da memória e da preservação da história, pois tiveram momentos em que a liberdade de expressão e os direitos humanos foram cerceados. É por meio da comparação entre diferentes países e contextos históricos que podemos compreender melhor os processos históricos que moldaram a sociedade em que vivemos. Para Maria Ligia Coelho Prado (2005), a história comparada, por exemplo, permite ao historiador ampliar o escopo de sua análise, considerando as conexões e interações entre diferentes países e regiões.

Essas semelhanças tornam os estudos comparativos entre Brasil e Argentina uma ferramenta valiosa para compreender as questões sociais e históricas que afetam a região da América do Sul como um todo. “A comparação, portanto, coloca desafios e demanda cautela.” (PRADO, 2005, p.15), por conta disso concentra-se na comparação de eventos históricos em diferentes contextos culturais e geográficos, busca identificar semelhanças e diferenças nas causas, consequências e processos históricos. Prado (2005) se refere aos objetivos da comparação na perspectiva dos autores, que podem ser resumidos em três pontos principais: formular generalizações, demonstrar singularidades e produzir explicações causais.

Os objetivos da comparação podem, na perspectiva dos autores, ser assim resumidos: a) formular generalizações por meio de observações de recorrências; b) demonstrar as singularidades por intermédio da observação das diferenças; c) ajudar a produzir explicações causais. Desse modo, os autores mantêm-se filiados a uma perspectiva metodológica que busca “as causas gerais” dos fenômenos históricos, pretende chegar a generalizações e se aproximam da construção de modelos. (PRADO, 2005, p.22)

A história comparada utilizando como fontes os livros de Ana Maria Machado e Elza Bornemann tem como objetivo analisar eventos históricos específicos, levando em conta o compreender a história em um contexto como: as ditaduras militares ocorridas no Brasil e na Argentina. Essa perspectiva nos permite identificar semelhanças e diferenças entre casos históricos distintos e, a partir daí, demonstrar singularidades e produzir explicações causais, conforme aponta Maria Ligia Coelho Prado:

A abordagem que enfatiza as conexões também se coloca na contramão dos modelos monográficos ao estilo norte-americano, que se caracterizam pela verticalidade. Gruzinski admite, finalmente, que as histórias conectadas supõem que o historiador tenha enorme erudição e notável maturidade intelectual, o que a restringe a uma minoria de estudiosos. (PRADO, 2005, p.28)

A história comparada é uma disciplina que se relaciona com a literatura comparada devido à semelhança em sua abordagem. Ambas analisam diferentes obras literárias ou eventos históricos em diferentes contextos e culturas. No entanto, apesar de compartilharem alguns princípios e métodos, as duas disciplinas têm objetivos distintos e métodos diferentes. Enquanto a história comparada se concentra na análise de eventos históricos específicos em um contexto global, a literatura comparada se concentra na análise de obras literárias em diferentes contextos e culturas.

A literatura comparada procura identificar semelhanças e diferenças entre as obras literárias, analisando como elas refletem as tradições literárias e culturais em que foram produzidas. Essa abordagem crítica e ampla do comparatismo literário pode levar a uma visão mais internacional e interdisciplinar da literatura, incluindo outras literaturas até então alheias ao cânone da tradição ocidental, como destaca Coutinho em sua citação:

Tais aspectos ampliam consideravelmente o escopo da Literatura Comparada, conferindo-lhe um caráter mais internacional, que a leva a incluir outras literaturas até então alheias ao cânone da tradição ocidental; e mais interdisciplinar, que aproxima não só das demais formas de atividade artística, como de outras esferas do conhecimento. (COUTINHO, 2003, p.17)

Embora haja uma sobreposição significativa entre a literatura comparada e a história comparada, a abordagem de cada uma difere em relação às fontes e à metodologia. Por mais que as fontes utilizadas sejam a literatura infantil selecionada uma no Brasil e outra na Argentina. A literatura comparada e a história comparada são disciplinas distintas, com objetivos e abordagens diferentes. Para uma pesquisa comparada em literatura infantil ser efetiva, é preciso ir além da simples identificação de semelhanças e diferenças entre as obras. É necessário compreender as implicações mais profundas e as relações dessas obras com os contextos históricos, culturais e sociais em que foram produzidas.

Essa abertura para o diálogo interdisciplinar possibilita uma compreensão mais ampla e complexa da literatura, que pode ser vista não apenas como um produto estético, mas

também como uma manifestação cultural e social. A literatura traz indícios da época em que foi produzida, refletindo as dinâmicas e contradições de seu contexto histórico, ao mesmo tempo em que permanece atual o que faz com que encontremos semelhanças com fatos presente na realidade a qual estamos vivenciando. Assim, a Literatura Comparada se mostra como uma área de estudo cada vez mais relevante e necessária para a compreensão da literatura e de seu papel na construção da cultura e da identidade das sociedades.

É nesse estágio do comparatismo que entra em cena, de maneira mais significativa, a América Latina. a prática de se compararem autores, obras ou movimentos já existia dia muito no continente, mas uma ótica tradicional, calcada, à maneira francesa, nos célebres estudos de fonte e influências, que, além disso, se realizavam por via unilateral. (COUTINHO, 2003, p.19)

A compreensão de que um texto não pode ser lido ou analisado isoladamente, mas sim como parte de uma realidade histórico-cultural mais ampla, é essencial para uma abordagem mais contextualizada e precisa. Isso permite uma compreensão mais profunda e completa das literaturas latino-americanas e de seu papel no contexto global da produção literária. A revisão crítica do comparatismo tradicional mostra a importância de uma abordagem aberta e dinâmica para a compreensão da literatura e de seu lugar na cultura e na sociedade.

A literatura dos diversos países latino-americanos certamente recebe forte influência europeias assimila uma série de aspectos tanto dessa quanto de outras literaturas. Mas ela modifica substancialmente tais aspectos no momento da apropriação, passando a apresentar elementos próprios muitas vezes resultantes deste processo. É o que se passou, por exemplo, com o Modernismo brasileiro originado, de um lado, da transculturação das diversas Vanguardas europeias, e, de outro, de uma releitura crítica da tradição literária do Brasil, máxime do período romântico. (COUTINHO, 2003, p.26)

Isso demonstra a importância da análise comparativa em uma perspectiva intercultural e interdisciplinar para entender as transformações que ocorrem na literatura e na cultura de um país ou região. O comparatismo permite examinar as interações entre as tradições culturais locais e globais, auxiliando a compreender a complexidade da literatura e da cultura em geral. Tanto a história comparada quanto a literatura comparada possuem grande importância para a pesquisa historiográfica, especialmente quando se trata de compreender fenômenos complexos e transnacionais, como a ditadura militar no Brasil e na Argentina.

A análise da autora Maria Ligia Coelho Prado (2005) é bastante significativa, pois

aborda a possibilidade de realizar a história comparada sem cair nas armadilhas das visões “eurocêntricas e dicotômicas”. “Do meu ponto de vista, é possível fazer história comparada e permanecer crítico das visões eurocêntricas e dicotômicas. Assim, entendo que há mais complementação entre comparação e conexão, do que exclusão.” (PRADO, 2005, p.30). Portanto, é importante aplicar essa abordagem à análise de obras literárias que envolvem temas históricos como os regimes militares ocorridos no Brasil e na Argentina, como é o caso das obras de Ana Maria Machado e Elsa Bornermann.

Dessa forma, a história comparada e a literatura comparada podem ajudar a iluminar aspectos importantes da história social e cultural desses países, e a destacar o papel crucial da cultura na construção e resistência às ditaduras militares na América Latina. Ao aplicarmos essas abordagens a livros infantis produzidos durante esse período, podemos identificar semelhanças e diferenças nas narrativas e imagens presentes nessas obras, bem como analisar os contextos históricos e sociais que influenciaram suas produções e circulações.

A literatura, bem como outras formas de manifestação artística na América Latina, consiste dessa questão, já deu passos decisivos no sentido da formação de uma tradição sólida e plural. Mas os discursos que sobre ela produzem, a despeito dos esforços que vem empreendendo, continuam contaminados por fortes tintas etnocêntricas. Daí a importância da revisão por que vem passando o comparatismo na América Latina e o sentido de sua contribuição. (COUTINHO, 2003, p.28)

A literatura latino-americana atual propõe um texto que é rico em conteúdo e aborda uma variedade de questões culturais, sociais e políticas. Para Silvano Santiago (2000), esse texto não só é valioso em si mesmo, mas também abre um campo teórico para o discurso crítico, que deve ser inspirado e informado por ele.

A literatura Latino-Americana de hoje nos propõe um texto e, ao mesmo tempo, abre o campo teórico onde é preciso se inspirar durante a elaboração do discurso crítico de que ela será o objeto.

O escritor latino-americano nos ensina que é preciso liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o Carnaval e a fiesta, colônia de férias para o turismo cultural. (SANTIAGO, 2000, p.26)

Isso sugere que a literatura latino-americana atual é um reflexo da complexidade e diversidade da região e que os escritores latino-americanos estão redefinindo e reinventando continuamente a identidade da América Latina através de sua escrita. Nas palavras de Ana Maria Machado: “Se o texto escrito encontra eco em muitos leitores ou num momento

histórico próprio e consegue expressar o coletivo, é outra questão a ser estudada por críticos e especialistas em literatura” (1999, p.11). Nesse sentido, a comparação histórica, apoiada nessa interdisciplinaridade, torna-se parte fundamental para a pesquisa.

A partir das reflexões apresentadas, podemos concluir que a literatura infantil e a história comparada são ferramentas poderosas para estudar e compreender como os artistas driblaram a censura utilizando histórias infantis para demonstrar a insatisfação em relação à ditadura militar. Além disso, Ana Maria Machado (1999) evidencia a importância da literatura infantil em expressar o coletivo em determinado momento histórico. Dessa forma, a interdisciplinaridade entre a literatura e a história comparada se torna fundamental para a pesquisa e para a compreensão da complexidade dos regimes autoritários.

Ao utilizar a história comparada para analisar essas obras, podemos obter informações mais profundas sobre os eventos que elas retratam, permitindo-nos entender melhor a complexidade dos processos históricos que influenciaram esses países. Essa análise, portanto, nos leva a obter uma compreensão mais profunda da forma como as políticas culturais e ideológicas dos regimes autoritários se refletiram na produção e consumo de livros infantis, bem como, a maneira como as crianças foram afetadas por essas influências.

A análise conjunta da literatura infantil e da pesquisa historiográfica permite uma compreensão mais profunda das injustiças sociais ocorridas durante os regimes autoritários no Brasil e na Argentina. Além disso, demonstra como a literatura infantil, através de narrativas atraentes e acessíveis, foi capaz de documentar as violações dos direitos humanos e da justiça social. Essas obras não apenas educaram as crianças sobre os eventos de suas épocas, mas também desafiaram a narrativa oficial dos governos autoritários.

1.2 OS FINS JUSTIFICÁVEIS ENTRE A CENSURA E CENSURADOS.

Durante o período de governos autoritários tanto no Brasil quanto na Argentina, uma série de medidas repressivas foi adotada, sendo que uma das mais significativas foi a intensificação do controle ideológico o que suprimiu os direitos humanos, a liberdade de pensamento e o pluralismo, criando um ambiente de conformidade forçada e limitando a diversidade de opiniões e perspectivas na sociedade.

A história da censura literária na ditadura militar não é apenas um relato de supressão, mas também um testemunho da resistência. Conforme Reimão (2018), autores, editores e

defensores da liberdade de expressão buscaram formas criativas de driblar as restrições. Isso incluiu estratégias como o uso de metáforas e a luta constante para manter viva a produção literária crítica ao regime.

Considerando a literatura infantil como fonte da pesquisa, é preciso lembrar que ela está dentro de uma classificação de gêneros literários, e sendo parte da literatura passou pelo crivo da censura que assolava os países da América Latina. Os regimes autoritários no Brasil e na Argentina exerciam um controle rigoroso sobre a produção cultural e editorial. Esses governos, embora com características distintas, compartilhavam o objetivo de consolidar o poder e promover o crescimento econômico, muitas vezes à custa das liberdades individuais e dos direitos humanos.

No artigo "A literatura infantil nos contextos ditatoriais argentino e brasileiro", publicado por Tais Xavier de Carvalho em 2021, são discutidas duas obras das autoras mencionadas: Machado, com "Era uma vez um tirano" (1982), e Bornemann, com o conto "El año verde" (1975). A autora utiliza a literatura infantil para direcionar sua pesquisa para o entorno dos governantes e do povo, evidenciando as similaridades entre as obras e o contexto da ditadura. Minha abordagem diferencia-se ao enfatizar o contraste na recepção e influência da literatura infantil entre os dois países, ressaltando a complexidade das estratégias de controle ideológico envolvidas.

Entretanto ao analisar obras tão distintas, Carvalho (2021) proporciona uma valiosa contribuição para a pesquisa, pois antecipa uma análise sobre a ditadura ao destacar que o período em que militares assumiram o poder no Brasil e na Argentina, em 1964 e 1976, respectivamente, é um lembrete sombrio da história política desses países e de uma era marcada por regimes autoritários e repressão. O resultado desse cerco ideológico foi uma subjugação palpável da liberdade de expressão e uma imposição draconiana de conformidade aos ditames estatais, perpetuando um período sombrio na história dessas nações.

Apesar da censura imposta pelos militares, o Brasil experimentou um grande florescimento literário, conhecido como "Boom literário". A limitação imposta aos artistas por esse controle ideológico restritivo não apenas afetou a produção de arte, mas também teve um impacto significativo na liberdade de expressão e na diversidade cultural do país. (CARVALHO, et al., 2021). Autores desses países produziram obras que, apesar de terem sido escritas em tempos sombrios, conseguiram trazer uma nova perspectiva para a literatura latino-americana.

O golpe militar ocorrido em 1964 no Brasil deu início a uma série proibições dentro do espaço cultural. Para Sandra Reimão (2018) em seu livro intitulado "Mercado Editorial

Brasileiro”, a extensão e intensidade da censura à produção editorial durante o período da ditadura no Brasil não se limitou apenas à política e às notícias, mas também afetou diversas formas de expressão artística e intelectual. “Da música ao jornal, do cinema à novela de televisão, a produção cultural é submetida ao crivo da censura, pouco daquilo que tem algum cunho crítico ou polêmico ultrapassa este crivo” (REIMÃO, 2018, p.27). Diante desse cenário desafiador, fica evidente a notável criatividade e resistência demonstradas pela sociedade.

O artigo "Brasil, anos 70: mercado editorial e literatura ficcional brasileira" de Sandra Reimão (2018), publicado na revista "Comunicação e Sociedade", explora a relação entre o mercado editorial brasileiro e a literatura de ficção durante a década de 1970. A autora afirma que o país enfrentou um regime militar autoritário, o que teve um impacto na produção literária e na publicação de obras críticas ao regime.

Já em sua dissertação, publicada em 2011, pela USP, Sandra Reimão explora os esforços de resistência por parte de escritores, editores e leitores que buscaram driblar a censura e preservar a liberdade de expressão. Conforme a autora, o regime militar, que governou o país entre 1964 e 1985, empregou o poder sobre a produção literária como uma ferramenta de repressão e manipulação ideológica. A determinação da “Portaria 11-B, de 16 de fevereiro, para operacionalizar o Decreto 1077 /70, determinava que todas as publicações deveriam ser previamente encaminhadas para o Ministério de Justiça para julgamento” (REIMÃO, 2011, p.23), representa uma clara tentativa de censura e controle ideológico por parte do governo.

Entretanto, a censura não conseguia abranger todos os setores da cultura por conta do número limitado de agentes encarregados de fiscalizar as produções artísticas e a falta de critérios na seleção das obras a serem censuradas. A página “Memórias da ditadura militar” traz informações valiosas sobre o período histórico²:

A precária formação dos censores e a inexistência de um manual de procedimentos para censura levavam ao uso de critérios pessoais, que variavam de censor para censor. A única referência que tinham era uma coletânea com a legislação sobre censura. A insuficiência de censores impediu que a censura prévia fosse realizada na escala planejada pelo governo. Assim, a maioria dos livros proibidos foi resultado de denúncias feitas depois da publicação. (Livros sob censura.

²Memórias da Ditadura é uma plataforma dedicada a documentar e preservar as histórias da ditadura militar no Brasil. Seu conteúdo abrange uma variedade de temas, desde relatos pessoais de sobreviventes até análises acadêmicas sobre os eventos que marcaram esse período sombrio da história brasileira. O site oferece uma visão abrangente e aprofundada dos impactos sociais, políticos e culturais da ditadura, contribuindo assim para a compreensão mais ampla desse capítulo significativo da história do Brasil. Disponível em: Livros sob censura. Memórias da ditadura. Disponível em: < <https://memoriasdaditadura.org.br/?s=como+citar+site>>. Acesso em: 23, mai. 2023.

Memórias da ditadura. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/?s=como+citar+site>>. Acesso em: 23, maio de 2023).

Durante a ditadura, o governo enfrentou dificuldades para realizar a censura prévia, resultando na proibição de livros principalmente com base em denúncias após a publicação. O site "Memórias da Ditadura" indica que a quantidade exata de livros censurados nesse período ainda é desconhecida, mas, entre 1970 e 1982, o Departamento de Censura de Diversões Públicas (DCDP) do Ministério da Justiça oficialmente analisou pelo menos 492 livros, dos quais 313 foram vetados.

Embora o governo empregasse mecanismos de fiscalização, a rigidez dessas medidas não foi tão intensa e muitos artistas não foram alcançados pelos censores. (CARVALHO et al., 2021). Para carvalho, isso ocorreu em parte devido à escassez de pessoal para realizar o trabalho de fiscalização, tendo em vista que a prioridade estava na observação da produção de gêneros literários voltados para o público adulto.

Em um aparente paradoxo a esta prática, houve uma expansão do mercado editorial, apesar das restrições à liberdade de expressão. “Outro dado importante para enfocar o crescimento editorial no Brasil nos anos 70 é a menção de uma lei de 1968 que permitia que vários pontos do comércio varejista (entre eles, farmácias, supermercados e postos de gasolina) atuassem como pontos de venda de livros” (REIMÃO, 2018, p.80). Diante desse cenário, autores e editoras encontraram maneiras criativas de contornar a censura, como o uso de metáforas e símbolos, e a exploração de temas relevantes sob diferentes perspectivas.

Desses três tipos de literatura engajada, o primeiro deles, denominado aqui “romance político”, é o que aparecerá, nos anos 70, nas listas dos mais vendidos. Podemos incluir neste tópico: Incidente em Antares, de Érico Veríssimo (o livro de autor nacional mais vendido no ano de 1973); Solo de Clarineta, também de Érico Veríssimo (o livro de autor nacional mais vendido no ano de 1974 e o 9o em 1975); Calabar, de Chico Buarque de Holanda (o 4o de 1974); Fazenda Modelo, também de Chico Buarque de Holanda (o livro de autor nacional mais vendido em 1975); e a peça teatral Gota d’Água, também de Chico Buarque de Holanda, em parceria com Paulo Pontes, livro que foi o mais vendido texto de ficção do ano de 1976 (REIMÃO, 2018, p.82-83).

A literatura engajada desempenhou um papel fundamental na busca pela expressão artística e na resistência à opressão. Os autores conseguiram encontrar maneiras criativas de contornar as limitações impostas, muitas vezes utilizando figuras de linguagem para transmitir

mensagens políticas e sociais de forma velada. Através do romance político e de outras formas de expressão artística, esses escritores conseguiram transcender as limitações da censura.

Conforme Machado (1999), enquanto a censura era imposta ao contexto cultural e artístico, a literatura infantil, que já fazia parte do material escolar por meio de um mercado editorial incentivado, paradoxalmente ganhou espaço. De acordo com Bicicgo (2013), em consequência desse cenário, a escrita literária direcionada ao público jovem sofreu uma transformação, permitindo a disseminação de uma nova literatura que era inserida nas bibliotecas escolares sem chamar a atenção.

Nesse contexto, o mercado editorial experimentou um crescimento notável de livros infantis, caracterizado pela diversidade de produções culturais. Além disso, a editora Abril se beneficiou da lei de 1968 que permitia a venda de livros em bancas de jornal, expandindo o mercado editorial no país. Esses desenvolvimentos destacam as complexas dinâmicas da censura e da cultura durante o período. A coexistência de produções culturais tão diversas nas listagens de livros mais vendidos evidencia complexidade desse período histórico.

Essas estratégias não apenas permitiram a continuação da produção literária crítica ao regime, mas também impulsionaram o mercado editorial, já que o público estava ansioso por explorar essas questões. Cleber Bicicgo (2013), reforça que uma das mais intrigantes contradições da história da indústria cultural brasileira reside no fato de que as editoras de livros e revistas prosperaram durante o regime militar, ao invés de enfraquecerem. Isso aconteceu ao mesmo tempo em que o governo impunha restrições à produção artística e cultural.

Em seu livro Regina Zilberman afirma que: “Curiosamente, foi preciso o Brasil ir mal para então a literatura infantil crescer e aparecer, ajudando o país a recuperar dos percalços políticos e culturais.” (ZILBERMAN, 2005, p.45). Na década de 1970, as obras literárias infantis começaram a ser publicadas pelas editoras contratadas pelo governo para atender à demanda dos projetos de alfabetização. Enquanto os militares censuravam outras produções artísticas, como jornais, revistas, músicas e teatro, a literatura infantil emergia em meio ao aparato repressor. Essa observação é destacada por Regina Zilberman:

A literatura não escapou da repressão, no entanto sofreu menos. E a literatura infantil, que, talvez por não ser vista, não era lembrada, pode se apresentar como uma dessas válvulas de escape, por onde os produtores culturais-escritores, ilustradores, artistas em geral-tiveram condições de manifestar ideias libertárias e conquistar leitores. (ZILBERMAN, 2005, p.46)

O paradoxo na indústria cultural brasileira se tornou evidente com o crescimento da editora Abril, que fortaleceu a economia e a produção de livros didáticos, incorporando obras literárias nas escolas apesar da censura imposta pelo regime militar. O autor Cleber Bicigo (2013, p. 56) destaca esse fenômeno ao afirmar que: "O fortalecimento das editoras de livros e periódicos durante o regime militar é um dos maiores paradoxos da história da indústria cultural brasileira". Embora a censura tenha sido presente, a literatura infantil teve espaço para se desenvolver, aproveitando-se do crescimento das editoras e suas novas produções.

A expansão do campo editorial nesse sentido, portanto, não se alinhava necessariamente com uma ideologia específica, abrigando ambiguidades e contradições em si mesma. De acordo com Ana Maria Machado (1999, p.20), "... a censura, que atingiu tão duramente o teatro, a música popular e a imprensa nos anos 70, até que em comparação, poupou a literatura de danos maiores, deixando uma margem mais ampla para atuação para a denúncia e as obras engajadas...". Apesar das ambiguidades e contradições presentes na política de formação de leitores durante a ditadura, a literatura infantil conseguiu escapar de danos maiores causados pela censura imposta pelo regime, tornando-se uma ferramenta poderosa e proeminente para a formação de pensamento crítico e resistência.

Os escritores de história infantil no Brasil experimentaram uma maior flexibilidade na produção e circulação de suas obras, "a literatura infantil brasileira experimentou seu maior surto editorial. Beneficiou-se, de um lado, da industrialização que colaborou no fortalecimento de uma burguesia urbana e estimulou uma postura consumidora de bens pouco duráveis" (CARVALHO et al., 2021, p.55). Isso ocorreu por conta do crescimento das editoras e à sua produção de novos livros. A industrialização e o crescimento da classe média urbana forneceram um mercado consumidor em expansão para a literatura infantil, o que estimulou o surgimento de novas publicações e o desenvolvimento desse gênero literário.

Mesmo com a censura, a literatura infantil conseguiu prosperar, adaptando-se às mudanças econômicas e sociais. No Brasil, autores de obras "adultas" como Clarice Lispector, Ana Maria Machado, Ziraldo (que ajudou a fundar "O Pasquim" em 1969) e até mesmo músicos, como Chico Buarque, utilizaram a literatura infantil para escapar da censura ou aproveitar as condições editoriais favoráveis (ZILBERMAN, 2005). Muitos desses livros apresentavam uma mensagem de esperança, incentivando os leitores adultos (que liam para crianças) a questionar o mundo ao seu redor e se engajar em lutas por justiça e igualdade. Enquanto no Brasil a falta de uma estruturação por parte do governo facilitava a produção literária, o governo argentino montava um forte esquema de vigilância o qual criava departamentos exclusivos para fiscalização dos segmentos cultural, político e social.

Na contramão da produção literária brasileira voltada para o público infantil, o governo militar argentino adotou medidas violentas para reprimir qualquer ato ou manifestação artística. Para Marcos Novaro e Vicente Palermo (2007, p.185), os militares na Argentina: "... não se privaram de pregar uma função formativa cujo impacto transbordava o âmbito público para penetrar nos lares". Isso resultou na estagnação da produção e divulgação cultural durante o regime militar. Qualquer produção considerada subversiva ou crítica era punida severamente, como parte do controle ideológico empregado pelo governo para propagar o medo e conter qualquer ato que fosse contra seus valores estabelecidos.

Ao contrário do que ocorreu no Brasil, as produções literárias na Argentina não escaparam da censura, passando por um rigoroso controle que fazia parte do aparato repressor presente em todos os espaços. Durante a ditadura militar de 1976 a 1983 esse controle se contrapôs ao processo de criação e descoberta cultural, estagnando a produção e divulgação de obras literárias durante anos de chumbo. A censura exercida pelo governo argentino, que prometia reestruturar a ordem política, econômica e social, instaurava o terror sobre a população e reprimia as obras literárias como parte da repressão estatal. Conforme afirmado por Daniara Zampiva Ferri:

O controle sobre toda e qualquer atividade intelectual e artística provinha do medo de uma sociedade pensante. Uma sociedade que pensa, faz revolução, contesta. Uma sociedade que pensa, não se cala, não obedece, não reconhece autoridade nenhuma que viole os direitos humanos. Essa sociedade, por ora, estava amordaçada. (FERRI, 2017, p.33)

A literatura infantil foi considerada perigosa para a moral e os bons costumes e diversos decretos proibindo a circulação de certas publicações foram promulgados. A literatura destinada às crianças, embora estivesse em processo de transformação como uma forma de resistência social, era alvo de perseguição por parte da sociedade conservadora que apoiava a ditadura, conforme destacado por Ferri (2017). Durante esse período, houve cortes de orçamento, fechamento de escolas e restrições à liberdade acadêmica, além da interferência da Igreja Católica conservadora, que gradualmente minou os avanços na educação e conduziu à privatização da educação.

Na Argentina, a censura ia além dos espaços públicos; era um dos métodos empregados para controlar as produções literárias, durante a ditadura de 1976 a 1983. O discurso oficial promovia uma verdade inquestionável, excluindo qualquer forma de oposição. Essa estratégia de censura não se limitava à proibição de informações, mas também

envolvia a criação de um ambiente onde a liberdade de expressão e o questionamento eram suprimidos. A censura também se estendeu entre todos os segmentos literários desde os livros escritos para o público adulto aos livros infantis. Diversos decretos proibiram a circulação de determinadas publicações, e houve o infame "Proceso Quema Libros", responsável pela queima de milhares de volumes considerados subversivos pelo Estado.

... cabe citar os principais órgãos que faziam parte das táticas de controle e censura: Dirección General de Publicaciones (DGP) responsável por investigar publicações impressas, gravações e espetáculos que pudessem violar as normas, sendo proibidos caso não passassem na avaliação; Secretaría de Información Pública (SIP), responsável pela manipulação de informações nas TV's, rádios e jornais do país; Dirección General de Radio y TV, responsável pela administração destes meios a nível estatal; Dirección General de Contralor Operativo, designada a controlar as manifestações publicitárias, incluindo fotografia, cinema e espetáculos públicos; Comité Nacional de Radiodifusión (COMFER), responsável pelo controle das emissões de rádio, TV e imprensa em âmbito nacional; Ministerio de Educación, responsável pela fiscalização de livros didáticos, e a Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires, responsável pelo controle, especificamente, de apresentações de peças de teatro. (FERRI, 2017, p.37-38)

Essa estrutura restringiu a liberdade de expressão, manipulou informações nos meios de comunicação, censurou livros didáticos e impactou a produção cultural. O legado desse período inclui uma luta contínua para preservar a memória das vítimas e enfrentar os abusos ocorridos durante o regime militar.

A literatura infantil foi alvo de repressão, sendo considerada tão perigosa para a moral e os bons costumes quanto qualquer outra forma de expressão artística. Além disso, o governo criou o chamado "Serviço Gratuito de Leitura Prévia", destinado a revisar todos os textos que buscavam publicação no território, inclusive os infantis (CARVALHO et al., 2021). Na prática, esse serviço consistia em uma meticulosa revisão de todos os manuscritos que almejavam a publicação em território nacional. O processo abrangia tanto obras direcionadas ao público adulto quanto à audiência infantil, revelando o grau de controle e censura exercido pelo governo.

Durante a ditadura militar de 1976 a 1983 na Argentina, o campo cultural sofreu um abalo fortíssimo. A restrição à criação e às manifestações culturais não se limitavam apenas aos locais públicos; a supervisão rigorosa das obras literárias era uma das formas de exercer o controle repressivo em todos os âmbitos. Conforme declarado por Daniara Zampiva Ferri (2017, p.33): "O controle sobre toda e qualquer atividade intelectual e artística provinha do medo de uma sociedade pensante". Com esse objetivo, era necessário que a população fosse

mantida sob controle pelo aparato repressivo estatal. Aqueles que se recusavam a se submeter ao governo militar argentino sofriam ameaças, prisões ou desaparecimentos forçados.

A ditadura militar na Argentina, também conhecida como o "Processo de Reorganização Nacional", foi um período de governo autoritário que durou de 1976 a 1983. Durante esse período, a junta militar governante cometeu inúmeras violações dos direitos humanos, incluindo sequestros, tortura e assassinato de milhares de pessoas conforme o registro de Marcos Novaro e Vicente Palermo em seu livro intitulado "Ditadura militar Argentina (1976-1983). Do golpe de estado a restauração democrática", de 2007. O período de ditadura militar que assolou a Argentina foi caracterizado pela alegação de que seria necessário promover a ordem e o crescimento econômico.

Segundo Tais Xavier Carvalho et al. (2021), a ditadura de 1976 foi um período conturbado e opressivo, marcado por um poder conservador extremista que causou danos irreparáveis ao país e a sua população. Na Argentina, assim como em outros países da América Latina, incluindo o Brasil, a literatura infantil tornou-se um meio dos artistas retratarem a insatisfação com o momento histórico que estavam vivendo.

Na Argentina, o governo ditatorial adotou princípios e comportamentos similares. Uma junta militar realizou uma rebelião que marcou oficialmente o início da chamada última ditadura militar argentina (uma vez que o país já havia passado por outros períodos ditatoriais). O governo prendeu, torturou e assassinou cidadãos que, de alguma forma, se opunham ao Estado estabelecido, e decretou leis que auxiliassem na manutenção do próprio poder, incluindo ordens de censura. (CARVALHO et al. 2021). No contexto autoritário, a intensificação do controle ideológico foi uma das muitas ações repressivas adotadas pelo regime militar. Essa regulação afetou também as expressões culturais, como o teatro, o cinema e a publicação de livros, que foram impedidos de propagar qualquer forma de manifestação considerada contrária aos regimes implantados. Para Laura Rafaela Garcia:

Consideramos que la literatura para niños es una zona literaria permeable a las realidades sociales que fue relegada a los márgenes del sistema literario, por eso proponemos reponer los hechos a partir de las memorias de los autores que con su actividad intelectual contribuyen entre otras cosas a ampliar las formas de representar la violencia política. (GARCIA, 2015, p.135).

Essa censura foi uma tentativa de controlar não apenas a informação, mas também a cultura e a criatividade da população, limitando a possibilidade de expressão e de resistência contra os regimes autoritários.

Durante a ditadura militar argentina, muitos artistas se engajaram em movimentos de resistência, utilizando diferentes manifestações artísticas, como a literatura infantil, para denunciar a violência e a opressão do regime. Essas obras foram importantes instrumentos de conscientização e mobilização popular, contribuindo para a resistência contra a ditadura militar e a luta pela democracia.

Enquanto isso, conforme Ferri (2017), a literatura infantil, caminhava para uma transformação no âmbito social como forma de resistência, sofria perseguição da sociedade conservadora que apoiava a ditadura. Autores de livros infantis, mesmo utilizando linguagem lúdica para expressar seu descontentamento em relação ao regime, foram perseguidos e tiveram que se exilar, assim como diversos outros artistas e áreas da cultura, que também foram alvos de penalidades.

Os livros infantis também foram considerados “inimigos” tornando-se alvo de perseguição e censura. Para Daniara Zampiva Ferri (2017, p.8), “As consequências posteriores ao golpe também foram levadas em conta, afinal, uma leva de escritores passaria a abordar em suas obras este período sombrio.” Durante a ditadura, a literatura infantil ganhou atenção e os livros para crianças foram considerados perigosos para a moral e os bons costumes, como qualquer outra forma de expressão artística. “O controle sobre toda e qualquer atividade intelectual e artística provinha do medo de uma sociedade pensante.” (FERRI, 2017, p.33). Essa ação, conhecida como desmonte, levou ao estancamento da produção e divulgação cultural durante os anos de chumbo.

Ferri (2017) destaca ainda, que esse fato, portanto, não impediu que os artistas produzissem obras que retratassem, mesmo que de forma indireta, a sua insatisfação quanto ao governo, mesmo que para isso publicassem suas histórias em outro país. Até hoje, a literatura infantil na Argentina continua sendo uma forma importante de transmitir valores e ideias às crianças, e muitos autores e ilustradores continuam a criar obras que desafiam as normas e buscam inspirar uma sociedade mais justa e inclusiva.

A censura na Argentina entrava em conflito com o processo de criação e descoberta cultural, estabelecendo o terror sob a alegação de reestruturar a ordem política, econômica e social, como observa Tais Xavier Carvalho: "Desde o início do governo militar, certas obras infantis foram banidas em nome da proteção da educação infantil" (CARVALHO et al., 2021, p.55). Aqueles que se opunham ao governo militar argentino eram ameaçados, presos ou desapareciam.

Segundo Ferri (2017), a produção literária infantil era dividida em duas categorias: a favor do discurso conservador do governo ou contrária a ele. Em 1979, o governo criou a

"Comisión Orientadora de Medios Educativos" e a "Superintendencia Nacional de Enseñanza Privada (SNEP)" para investigar qualquer ato que prejudicasse a formação ética e moral das crianças. Durante a permanência dos militares no poder, muitos artistas, incluindo a escritora e professora Elsa Bonermann, foram proibidos de exercer suas profissões, isso levou diversos artistas a se exilar em outros países para continuar escrevendo ou exercendo sua arte.

No período em que a ditadura argentina esteve em vigor, a literatura destinada às crianças recebeu notoriedade, porém, os exemplares infantis foram vistos como ameaçadores à moral e aos valores tradicionais, assim como outras modalidades de arte. Conforme afirmado por Claudia Gilman: “la censura y control de los discursos literarios prueban la influencia que el poder político atribuye a la literatura” (GILMAN, 2012, p.71). Os criadores artísticos eram vetados de se exibirem em locais públicos, acusados de fomentar a desordem e, por conseguinte, de interferir na moralidade e nos valores conservadores considerados essenciais para a manutenção do controle sobre a população.

Portanto, na Argentina, a situação era binária: os livros infantis podiam aderir aos discursos cívicos alinhados com a postura conservadora do governo ou assumir uma posição contrária ao regime, enfrentando as consequências. Por meio do controle ideológico, o regime disseminava o medo e punia rigorosamente qualquer produção crítica ou que questionasse os valores estabelecidos que estivessem fora das diretrizes curriculares estipuladas pelo governo.

Zilberman e Lajolo (1986) apontam que, enquanto o governo militar argentino promoveu queimas de livros e criava departamentos capazes de verificar produções que tivessem conteúdos subversivos, o governo militar no sentido de promover mão de obra para o mercado de trabalho acabou financiando produções literárias infantis que escaparam da censura e incorporavam as ferramentas de ensino dentro das instituições educacionais que ele próprio tutelava. Essa dualidade na atuação dos governos militares evidencia a complexidade da relação entre poder político e produção cultural durante períodos autoritários.

Embora as condições sociais e econômicas fossem distintas, a semelhança na abordagem não pode ser ignorada. Tanto o Brasil quanto a Argentina enfrentaram períodos de autoritarismo e censura durante essas décadas, o que impactou a liberdade de expressão e a disponibilidade de certos materiais literários. Ao observarmos a produção editorial de literatura infantil durante o período de governos militares, fica evidente o esforço conjunto para controlar a esfera cultural e moldar as ideias das crianças.

No entanto, a recepção e a influência da literatura infantil variaram significativamente nos dois países. Enquanto na Argentina, era estimulado a reflexão e a reformulação de pensamentos, no Brasil, seu impacto muitas vezes foi mais sutil e complexo. Esse contraste

reflete a complexidade das estratégias de controle ideológico e destaca a importância de analisar a produção editorial como parte integrante da história cultural e política de um país.

No Brasil, assim como na Argentina, a valorização da infância e sua representação na literatura foram profundamente influenciadas por contextos históricos distintos. Ao longo dos séculos, a concepção da infância ganhou crescente relevância, em consonância com as transformações sociais e culturais de cada nação, como será explorado no capítulo subsequente.

CAPÍTULO II - BREVE HISTÓRIA SOBRE A INFÂNCIA E LITERATURA NO BRASIL E NA ARGENTINA

2.1 A CRIAÇÃO DA INFÂNCIA

A infância é um estágio da vida humana que, ao longo da história, passou por notáveis transformações e ganhou valorização crescente. Este período único e valioso foi objeto de atenção de filósofos, educadores, artistas e famílias ao longo de séculos e continentes. O termo "infância," de origem latina e ligado à incapacidade de falar, esse fato costumava ser associado principalmente aos primeiros anos de vida, por vezes estendendo-se até os 7 anos, marcando a transição para a chamada "idade da razão." Contudo, até o final do século XVII, não se observava uma ênfase no sentimento de infância, destacando uma mudança significativa na forma como as crianças eram educadas e tratadas.

Brasil e Argentina compartilham raízes históricas, mas suas trajetórias e culturas sociais divergem em algumas áreas, incluindo a concepção e tratamento da infância. Esse é um ponto de partida interessante para compreender a valorização e a abordagem das crianças ao longo da história nesses dois países da América Latina.

Nos estudos sobre o desenvolvimento da infância no Brasil, muitas vezes, não levavam em consideração a presença dos sinais desse processo no século XVI. Para Kuhlmann Jr. (2010), nessa época, os Jesuítas implementaram estratégias de catequese que envolviam a educação de crianças indígenas e a inclusão de órfãos portugueses como mediadores nessa relação. Portanto esse registro sugere que a valorização da infância não é um fenômeno exclusivo do século XVIII.

Porém, Regina Zilberman (1982, p.6-7) aponta que “é o século 18 que assistirá uma autêntica ascensão da infância ao centro das considerações” De acordo com a autora a infância começa a ganhar mais destaque nas considerações e discussões da sociedade. Isso pode ser observado, por exemplo, na emergência de uma nova concepção de infância como um período distinto na vida humana, que requer atenção e cuidados especiais. Além disso, o surgimento de instituições voltadas para a educação infantil, como escolas e orfanatos, também evidencia a crescente importância atribuída à infância na época.

É a psicologia infantil que assegura teoria da formação da criança; em sua aplicação no campo didático aproveita da pedagogia. Porém, ocorreu ainda

uma ressonância no terreno artístico, através do aparecimento da literatura infantil. Assim, a emergência deste gênero explica-se historicamente, na medida em que aconteceu estreitamente ligada a um contexto social delimitado pela presença da família nuclear doméstica e a particularização da condição pueril enquanto a faixa etária e estado existencial. (ZILBERMAN, 1982, p.11)

A criança como nós conhecemos, com ideias e sentimentos, é uma construção social. Para Philippe Ariès (1981, p.198), “a concepção de criança” nos dias de hoje teve início entre os séculos XIX e XX, com a chegada da modernização. As histórias infantis estão vinculadas ao surgimento da infância como uma idade da vida e coincide com o período central para a formação da noção moderna de infância e família, conforme identificado por Ariès (1984). A literatura infantil, juntamente com outras práticas culturais, ajudou a construir a imagem da infância como uma fase distinta da vida, com necessidades e interesses específicos e contribuiu para o surgimento da noção moderna de família, centrada na proteção e no cuidado das crianças. De acordo com Regina Zilberman:

Trata-se da emergência da família burguesa, a que se associam, em decorrência, a formulação do conceito atual de infância, modificando o status da criança na sociedade e no âmbito doméstico, e o estabelecimento de aparelhos ideológicos que visarão preservar a unidade do lar e, especialmente, o lugar do jovem no meio social. (ZILBERMAN, 1987, p.4)

Entre os séculos XVIII e XIX, a infância na Argentina era marcada por desigualdades sociais e falta de acesso à educação formal, sendo que muitas crianças trabalhavam para ajudar suas famílias, fazendo parte de uma classe social “inferior”. De acordo com Marcela Arpes (2011), a imagem da infância era frequentemente associada a um sujeito fraco e carente, com poucas competências e sem capacidade para uma vida autêntica. Era caracterizada por desigualdades sociais e falta de acesso à educação formal, com muitas crianças trabalhando em condições difíceis para ajudar suas famílias. Conforme a autora:

La representación del niño como sujeto genuino de destinación del arte ha tenido escasa presencia a lo largo de la historia moderna. Por el contrario, la imagen de la infancia ha estado largamente asociada a una concepción del niño como sujeto débil, incompleto, carente de muchas competencias y privado también de la capacidad de vivir una auténtica. (ARPES, 2011, p.19)

As crianças eram vistas como sujeitos passivos que deveriam ser protegidos dos males

do mundo, mas a partir do período entre os séculos XVIII e XIX começou-se a considerar a infância como um estágio importante no desenvolvimento humano e a oferecer às crianças espaços para que elas pudessem criar e consumir produtos artísticos. Ao longo do século XIX, a literatura infantil também começou a se desenvolver na Argentina, influenciada principalmente pelos contos de fadas europeus. Conforme aponta Arpes (2011), nesse mesmo período, a alfabetização e democratização da educação contribuíram para que as crianças fossem vistas como um público e um sujeito de interesse das políticas do Estado.

En el siglo XIX, los niños comienzan a visualizarse como público y como sujeto de interés de las políticas del Estado a partir del fenómeno de alfabetización y de la democratización de la enseñanza, cuya primera manifestación en 1833 en Francia es la sanción de la Ley de Educación Primaria Gratuita. Este mismo movimiento social se desencadena en otros países como Inglaterra y Estados Unidos y, luego, por Latinoamérica. La escuela se convierte así en la impulsora de una creciente demanda de textos como instrumentos de la tarea educativa, perfilándose a partir de entonces y de modo progresivo la figura de "autor" que escribe para estos niños-alumnos. (ARPES, 2011, p. 22)

Isso mostra uma mudança na concepção de infância, que passou a ser vista como um período crucial para a formação cultural e social dos jovens, e a literatura infantil se tornou uma ferramenta importante nesse processo. Além disso, Soares (2007), aponta que a produção de literatura infantil argentina só começou a se destacar com a chegada de presidentes liberais ao poder no final do século XIX, por meio da transmissão de ideologias, valores e representação das expectativas e anseios da sociedade em relação às crianças. Foi nesse período que a Argentina passou por um profundo processo de construção nacional, alicerçado na formação de uma identidade argentina única e na implementação de políticas de modernização.

No final da década de 1950 na Argentina, com um olhar mais atento à infância, começaram a surgir mudanças significativas na dinâmica de produção de textos para crianças. Até então a elaboração desses textos era predominantemente orientada para fins educacionais, com os livros escolares, sendo a principal forma de leitura para crianças. Nas palavras de Marcela Arpes (2011), a partir desse período, outras publicações começaram a circular, incluindo aquelas vendidas em bancas de jornal e revistas baratas, que divulgavam uma literatura associada ao divertimento.

Ya a fines de la década del '50, se registran instancias interesantes que comienzan a desviar la dinámica de producción de textos para niños de los mecanismos antes descriptos. El libro de lectura escolar convive con otros

textos que circulan por los kioscos en publicaciones baratas y populares divulgando una literatura asociada al divertimento y en la que se reconocen nombres de autores consagrados ya en la literatura general, como es el caso de Horacio Quiroga. (ARPES, 2011, p. 24)

Essa mudança reflete não apenas a evolução da cultura infantil na região, mas também questões mais amplas relacionadas à educação, à democratização do acesso à literatura e à consolidação de uma identidade literária latino-americana. A história da infância está interligada com eventos que contribuíram para a consolidação da infância tal como a conhecemos atualmente.

O surgimento da literatura infantil diversificada e voltada para o entretenimento na América Latina representa um marco importante na história. Essa mudança reflete uma evolução na compreensão da infância e da importância do prazer na leitura, além de promover a democratização do acesso à literatura infantil. Ela também contribui para a formação de uma identidade literária latino-americana mais rica e inclusiva, incorporando a voz e a imaginação das crianças em sua cultura literária.

A literatura infantil representa mais que um gênero, seu reconhecimento dentro do campo literário coincide com a descoberta e a valorização da infância como uma fase fundamental no desenvolvimento humano. Segundo aponta Peter Hunt (2011, p.30), “Os livros para criança têm, e tiveram, grande influência social e educacional; são importantes tanto em termos políticos como comerciais.” Ambos estão profundamente entrelaçados, como duas faces de uma mesma moeda, sendo a literatura infantil uma forma de comunicação e expressão, que leva em conta as necessidades e interesses específicos das crianças e que tem como objetivo educar, entreter e inspirar.

A literatura infantil, com as histórias infantis e contos de fadas, auxilia na construção dos primeiros sentimentos, valores e ideias das crianças. Entre outros fatores, desempenham um papel importante na construção de subjetividades, transmitindo emoções e ensinamentos que podem influenciar a formação. De acordo com Cecília Meireles (1979, p.66): "ainda mal acordada para a realidade da vida, é por essa ponte de sonho que a criança caminha tonta do nascimento, na paisagem do seu próprio mistério". Reconhecendo a importância da literatura, o livro infantil vai além do ato de entreter e ensinar, transbordando sentimentos e levando-nos a navegar pelo imaginário e contemplar o mundo com o qual nos identificamos, reconhecendo-o como parte da realidade.

No século XVIII, as histórias para crianças antes contadas por meio de narrativas orais, passam também por um processo transformador, e embora esteja emaranhada a

concepção de criança, família e educação, surgem com o compromisso de repassar ensinamentos e costumes próprios de seu povo, com isso ganha “características próprias” segundo Regina Zilberman:

É nesse contexto que surgiu a literatura infantil; seu aparecimento, porém, tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo status concedido à infância na sociedade e na reorganização da escola. Conseqüentemente, vincula-se a aspectos particulares da estrutura social urbana de classe média, não necessariamente industrializada. Por sua vez, sua emergência deveu-se antes de tudo à sua associação com a pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converter em instrumento dela. (ZILBERMAN, 1987, p.3)

No final do século XVIII, a literatura infantil se tornou amplamente difundida, contribuindo assim para o enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem. Segundo Regina Zilberman (1982, p.3), “... sua emergência deveu-se antes de tudo a sua associação com a pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converter em instrumento dela.” A associação com a pedagogia destaca o papel central da literatura infantil na formação das crianças, não só como entretenimento, mas também como uma maneira eficaz de transmitir valores, ideias e conhecimentos.

A literatura infantil, as histórias infantis, assim como a literatura geral, podem ajudar a explicar a realidade histórica, incluindo as mudanças na sociedade e no conceito de estruturação familiar. Em outras palavras, a literatura infantil pode ser vista como um reflexo dessas mudanças e uma maneira de transmitir informações importantes às crianças. A “emergência da família burguesa” e a formulação do conceito atual de infância modificaram o status da criança na sociedade e no âmbito doméstico. Os livros para crianças, em particular, são uma ferramenta educativa que ajuda a transmitir valores, ideias e conhecimentos, indo além da leitura prazerosa.

Para Zilberman (1987, p.4), “À conceituação da literatura infantil supõe uma consideração de ordem histórica, uma vez que não apenas o gênero tem uma origem determinável cronologicamente, como também seu aparecimento decorreu de exigências próprias do seu tempo.” Ao considerar as motivações que levam ao surgimento da literatura infantil, seja ela atribuída como ferramenta pedagógica ou em sua natureza um gênero literário comum, é possível perceber que a sua natureza é histórica, ela se molda ao seu tempo e ganha características novas conforme o seu desenvolvimento.

Portanto, a literatura infantil anda em conjunto com a instituição de ensino e com o

ato de educar; ainda que cada uma tenha características individuais, elas se sobrepõem e se complementam tornando-se ferramentas indispensáveis para a educação de crianças e adolescentes. No contexto histórico, os livros infantis são produtos de sua época, transmitindo ideologias, crenças, representando as expectativas e anseios da sociedade em relação às crianças. Ao mesmo tempo, a literatura infantil também desafia e questiona os padrões ideológicos e valores dominantes.

Durante muito tempo, a literatura infantil na América Latina tinha como função entreter e ensinar crianças, transmitindo bons modos e preparando-as para a sociedade. Contudo, ao longo do século XX, a infância sofreu transformações significativas no Brasil e na Argentina, influenciando a literatura produzida nesses países. Essas mudanças impactaram a literatura infantil e ampliaram seu potencial como fonte histórica e cultural.

No lado brasileiro, a literatura infantil teve uma forte ligação com preocupações sociais, culturais e políticas, conforme apontado por Regina Zilberman (1986). A formação de instituições infantis começou na década de 1890 com o surgimento do “Instituto de Proteção à Infância, e da primeira creche para operários, que pertencia à Companhia de Fiação de Tecidos do Corcovado, no Rio de Janeiro.” (KUHLMANN, 2010, p.79). No entanto, desde a década de 1880, já existiam jardins de infância destinados à classe burguesa e uma revista voltada para a maternidade. A influência norte-americana foi marcante na implantação da pré-escola no Brasil, com Rui Barbosa sendo um dos defensores dessa ideia em 1882.

Na metade do século XIX, houve uma reformulação na educação popular, com investimentos que abrangiam desde creches e pré-escolas até o ensino de jovens e adultos. Segundo Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1986), foi em meio a esses acontecimentos que a literatura infantil se consolidou como parte de um cânone entre o final do século XIX e o início do século XX, durante a transição do regime monárquico para o republicano.

No cômputo geral, as primeiras décadas republicanas assistiram à formação da literatura infantil brasileira na condição de gênero. E, se foi o fortalecimento da escola enquanto instituição e as campanhas cívicas em prol da modernização da imagem do País que fornecem as condições para a sua gênese, os mesmos fatores são responsáveis pelo lastro ideologicamente conservador dessa literatura. (ZILBERMAN e LAJOLO, 1986, p.21)

As primeiras décadas republicanas contribuíram para o surgimento da literatura infantil no Brasil, mas seu lastro ideologicamente conservador foi reflexo das campanhas

cívicas e do fortalecimento da escola como instituição. Monteiro Lobato, sob a influência da modernização, trouxe elementos para o meio cultural e inaugurou um novo método de escrita com um olhar voltado para o mundo da infância, rompendo com o conservadorismo e contribuindo para a construção de uma nova identidade cultural. A obra de Lobato representa um marco na história da literatura infantil brasileira, mostrando a importância da renovação e do olhar crítico para uma cultura mais diversa e plural.

Além disso, o modernismo favoreceu a representação do contemporâneo, em nome do qual todas as liberdades não eram permitidas. Monteiro Lobato soube aproveitar a sugestão e atualizou os personagens (como as do conto de fadas tradicional), cenários (ao situar a ação em potências emergentes, como os Estados Unidos), temas (como a segunda guerra, assunto de a chave do tamanho), tanto quanto pôde, além de incorporar a seu universo o que considerava de mais avançado, como a tecnologia o cinema a história em quadrinhos e o rádio. (ZILBERMAN e LAJOLO, 1986, p.63)

A literatura infantil brasileira, ao longo do tempo, foi adquirindo características próprias, conforme Zilberman e Lajolo (1986), moldando-se ao regionalismo e ao modernismo e incorporando um caráter nacionalista, ao retratar um Brasil rural, como é o caso das obras de Monteiro Lobato. Nesse período, a literatura infantil mantinha uma função pedagógica, mostrando valores que aludiam a um país e sua grandeza. Outra mudança que ocorreu foi a utilização de uma linguagem mais simples e a incorporação da figura da criança nas histórias, para que elas pudessem se identificar com o enredo. Como Zilberman e Lajolo (1986) afirmam, “muitas dessas obras podem desagradar nos dias de hoje, mas foram apreciadas e até estimuladas em seu tempo” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1986, p.67). No entanto, é importante lembrar que muitas histórias infantis da época refletiam estereótipos e preconceitos que hoje são considerados antiquados e inaceitáveis.

A Argentina seguiu um caminho semelhante quanto à literatura, considerando a evolução do conceito de infância ao longo do tempo, tornou-se cada vez mais evidente a importância da arte e da literatura infantil como ferramentas essenciais para a formação cultural e social das crianças. A partir da década de 1960, Arpes (2011), destaca uma mudança considerável no modo como a sociedade passou a perceber a infância. Nas palavras da autora: “A partir de la década del ’60 del siglo XX y de manera creciente hasta la actualidad, el niño comienza a ser considerado como un receptor estético diferenciado al que se le brindan espacios capaces de situarlo en la posibilidad de crear y consumir productos artísticos.” (ARPES, 2011. p.20). Essa nova concepção trouxe mais atenção e valorização para a infância como um momento único na vida, onde a exploração, a criatividade e o desenvolvimento

cultural também são importantes.

Segundo afirma Gabriela Pellegrino Soares (2007), ao mesmo tempo em que os projetos voltados para o ensino se expandiam, eram necessárias ferramentas que auxiliassem no desenvolvimento da linguagem escrita e alfabetização:

Associada à formação das crianças, a literatura infantil, que em princípios do século XX começava a se introduzir na Argentina e no Brasil como um campo específico da produção e do comércio de livros, cativou a atenção de determinados agentes culturais, ligados ao mundo das letras ou da educação. Tornou-se, paralelamente, objetivo de políticas públicas, uma vez que os organismos estatais argentino e, sobretudo a partir dos anos de 1930, brasileiro, ampliaram as ações voltadas a formação dos futuros cidadãos. (SOARES, 2007, p18)

Aos poucos a literatura infantil se moldava ao processo de estruturação educacional. No início do século XX, introduzida na Argentina e no Brasil, passa a cativar os agentes culturais ligados à educação e às letras. Aos poucos, essa forma de literatura se moldou ao processo de estruturação educacional, tornando-se um alvo das políticas públicas, especialmente a partir dos anos 1930, com o objetivo de contribuir para a formação dos futuros cidadãos. Essa evolução da literatura infantil acompanhou de perto o desenvolvimento da educação e da estrutura educacional na América Latina.

A literatura infantil passou por importantes mudanças na dinâmica de produção de textos para crianças. Essas mudanças resultaram na presença de nomes de autores consagrados na literatura geral, contribuindo para o desenvolvimento desse gênero literário. Com isso, a literatura para crianças deixou de ser vista apenas como uma ferramenta educacional e passou a ser valorizada como um gênero em si mesmo. Essas mudanças contribuíram para o desenvolvimento desse gênero literário e para que a literatura para crianças deixasse de ser vista apenas como uma ferramenta educacional e passasse a ser valorizada como um gênero.

2.2 DA EDUCAÇÃO PARA A LEITURA: REFORMAS EDUCACIONAIS PARA O BENEFÍCIO DE POUCOS

A desigualdade na educação é uma questão crônica que afeta crianças em todo o mundo. As diferenças na qualidade e disponibilidade de recursos educacionais em diferentes

regiões e entre grupos sociais podem ter um impacto significativo na vida e no futuro das crianças. A literatura infantil também é influenciada pela cultura e pela política, tanto no que se refere à produção quanto à distribuição de livros. A literatura infantil tem um papel importante na formação da identidade cultural das crianças, fornecendo um meio de expressão e de reflexão sobre questões sociais, políticas e culturais.

Na busca de compreender a relação entre a literatura infantil e a educação tanto no Brasil como na Argentina, faz-se necessário um breve percurso sobre a história da educação nestes dois países até o período dos regimes militares instaurados nas décadas de 1960 a 1980. Conforme Cicone e Pereira de Moraes (2016), desde a colonização, a educação e a literatura infantil no Brasil e na Argentina foram influenciadas pelas tradições e valores da Europa. Durante o período colonial, a educação era reservada para a elite e o ensino era baseado em uma abordagem religiosa e disciplinar. O sistema educacional foi moldado pelos colonizadores e pelas elites políticas e econômicas.

Esses países, embora distintos por conta de suas características sociais e econômicas, em determinados momentos seguiram caminhos semelhantes, focando em uma adaptação na estrutura educacional com a intenção de produzir mão de obra para o mercado de trabalho. Zilbermann e Lajolo (1986), destacam que no século XIX, a educação era uma questão secundária e pouco desenvolvida em ambas as nações. A literatura infantil estava em sua fase inicial de formação, com a maioria dos livros destinados às crianças sendo traduções de obras estrangeiras ou adaptações de histórias populares. A educação estava restrita a uma pequena parcela da população, com um foco mínimo na formação intelectual das crianças.

Somente no século XX, a educação começou a ganhar importância, enquanto a literatura infantil passou a ter como objetivo principal entreter e divertir as crianças, sem preocupação com questões educacionais ou sociais. Nesse período, teve início a criação de escolas públicas e a chegada de missionários e professores estrangeiros. Em 1872, o Brasil enfrentava uma taxa de analfabetismo alarmante de cerca de 85%, mas com o tempo, essa taxa diminuiu para 56,8% em 1940 e para 26,2% em 1980, graças a esforços para expandir a educação (IBGE, 2010). Foi nesse contexto que a importância da educação e dos livros infantis começou a ser destacada no Brasil, com um interesse crescente em transmitir valores e moral por meio de histórias de fábulas e contos de fadas.

Na Argentina, a Igreja exercia forte influência sobre os estabelecimentos de ensino, aprovando projetos educacionais. No entanto, a educação seguia o modelo europeu, e a taxa de analfabetismo começou a diminuir na década de 1880 à medida que o país passou por um processo de modernização e recebeu imigrantes europeus. A taxa de analfabetismo na

Argentina era historicamente mais baixa do que no Brasil, mas ainda era consideravelmente alta, especialmente entre a população rural e indígena. Segundo Puiggrós (2003), após a independência em 1816, o ensino começou a ser disponibilizado para a população, embora seguisse valores conservadores. A educação foi influenciada por valores morais e religiosos, refletindo o papel da Igreja na sociedade argentina.

Na primeira metade do século XX, a educação no Brasil e na Argentina começou a se expandir para alcançar uma parcela maior da população, com o objetivo de promover a alfabetização e o desenvolvimento intelectual das crianças. Essa expansão refletia as diferentes abordagens culturais, religiosas e sociais de ambos os países em relação à educação. Tanto o Brasil quanto a Argentina implementaram políticas públicas para melhorar a educação e reduzir o analfabetismo.

No Brasil e na Argentina, a educação e a literatura infantil passaram a ser alvo de políticas públicas, expandindo as ações para fortalecer esse setor. A literatura infantil, assim, evoluiu para tornar-se uma área cada vez mais importante na produção e venda de livros. Na década de 1930, intensas disputas ideológicas pela educação ocorreram na América do Sul, com grupos políticos, religiosos e culturais lutando para influenciar a abordagem educacional. O ensino era visto como um meio de "preparar as massas para as grandes tarefas nacionais e favorecer uma revolução espiritual e cultural". Durante o governo de Getúlio Vargas no Brasil, houve um esforço para desenvolver a literatura infantil como parte da política educacional, com investimentos na produção e distribuição de livros.

Na Argentina, a década de 1930 viu uma série de reformas educacionais, entre elas: a criação do Ministério da Educação, em 1935. Consoante a isso, Puiggrós (2003), destaca que a taxa de analfabetismo também começou a diminuir, passando de 35,65% em 1916 para 21,98% em 1930 e, eventualmente, para 13,36% em 1932. No Brasil, conforme Romanelli (1986), foi na década de 1950 que se teve um importante avanço na taxa de alfabetização, com a redução de cerca de 70% do analfabetismo. Desse modo, no final da década de 1980, a taxa de analfabetismo havia diminuído para cerca de 17%. Tanto no Brasil quanto na Argentina, a literatura infantil foi usada como uma ferramenta de doutrinação em prol dos governos.

Nesse mesmo período, o Brasil e a Argentina legitimaram leis que permitiam a criação de escolas públicas. As abordagens em relação à literatura infantil variavam de conservadoras a progressistas, com enfoques na tradição, moralidade, igualdade social e desenvolvimento econômico. Os livros infantis ganharam notoriedade como ferramentas de alfabetização e com um caráter nacionalista. Assim, ao longo das décadas, a relação entre educação e literatura infantil na Argentina e no Brasil evoluiu sob a influência de políticas públicas e contextos

políticos, moldando o desenvolvimento dessas áreas e a maneira como eram utilizadas para influenciar a sociedade e a cultura.

Na década de 1970 no Brasil, um "boom" literário ocorreu devido ao financiamento do governo militar para auxiliar o processo de alfabetização e preparar indivíduos para o mercado de trabalho. Tanto a educação quanto a literatura estavam intrinsicamente ligadas à formação e ao desenvolvimento humano. Nesse período, houve um aumento no acesso à educação e aos serviços de saúde infantil no Brasil, culminando na criação tardia de creches e pré-escolas, refletindo a importância crescente da educação infantil.

Os regimes autoritários, como a ditadura militar no Brasil, influenciaram fortemente as políticas educacionais, concebendo-as para beneficiar a elite no poder. A educação era vista como um instrumento de controle ideológico. A manipulação ideológica da literatura infantil foi uma estratégia frequentemente adotada em diversos regimes políticos, incluindo aqueles caracterizados por autoritarismo e totalitarismo, em diferentes partes do mundo.

No entanto, ambos os países enfrentaram desafios durante os períodos de instabilidade política e econômica, como as ditaduras militares no Brasil e na Argentina. Nessas épocas, a educação não era prioridade dos governos e o analfabetismo ressurgiu como um problema relevante, refletindo as mudanças políticas e sociais que afetaram o desenvolvimento educacional em ambas as nações.

Essa perspectiva revela uma dualidade na recepção e influência da literatura infantil, refletindo as estratégias complexas de controle ideológico. Um exemplo disso é evidenciado no último capítulo, onde a literatura infantil proporcionou uma voz para discussões sociais e políticas no Brasil, enquanto na Argentina foi vista como subversiva pelo governo. Apesar das diferenças entre os dois países, a literatura infantil permaneceu como um espaço de resistência, onde autores exploraram a criatividade para oferecer às crianças uma fuga das realidades opressivas através da imaginação e da fantasia.

CAPÍTULO III – CENSURA E RESISTÊNCIA NAS OBRAS DE ANA MARIA MACHADO E ELSA BORNEMANN

Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Tenha, more, gaste, viva
 Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Não, senhor, sim, senhor
 Não, senhor, sim, senhor
 Mas lá vêm eles novamente
 Eu sei o que vão fazer
 Reinstalar o sistema
 Pitty - Admirável Chip Novo (2003)

Ao observarmos a história tanto do Brasil quanto da Argentina podemos compreender como a dinâmica empregada pelo aparelho repressor do Estado utilizou amplamente a censura em ambos os países. A literatura infantil não esteve alheia a este processo, mas foi alvo de ações de diferentes intensidades.

Nesse contexto, a literatura infantil se destacou como um espaço de resistência, tornando-se um meio de escape e expressão para os escritores, ilustradores e artistas em geral, que encontraram em sua produção um espaço para manifestar ideias de liberdade e conquistar leitores. Como é o caso de autores brasileiros, que será abordado a seguir, que durante a ditadura militar encontraram na literatura infantil uma forma de abordar temas sensíveis, criticar o regime autoritário e transmitir valores de liberdade e justiça para as crianças.

Quando Denise Rollemberg (2016) discute o engajamento dos artistas durante a ocupação nazista em países europeus como França, Itália e Alemanha, ela também destaca que os países latino-americanos como Brasil e Argentina se inspiraram nesses modelos de resistência europeus. Isso incentivou seus artistas a expressarem emoções e descontentamento com governos autoritários. A literatura é arte assim como uma forma de resistência e de denúncia contra os regimes autoritários, tornando-se forma de expressão cultural, utilizada em diversas épocas e contextos políticos.

Além disso, Rollemberg (2016) menciona que as lutas de libertação nacional nos países africanos e asiáticos ocorridas no pós-guerra também foram um modelo a ser seguido de resistência e mobilização. Conforme aponta a autora, ao analisar a resistência aos golpes militares de estado na América Latina questiona-se o critério de luta pelo restabelecimento da

ordem legal violada, considerando as diversas tendências políticas à direita e à esquerda que estavam envolvidas nesse contexto.

Uma vez que o paradigma de Resistência francesa passou, por força da construção de memória, equivaler à experiência gaullista, o seu uso para pensar outras situações de Resistência no século XX fica comprometido. Por exemplo, a resistência a golpes militares de estado na América Latina, nos anos de 1960-1970. O critério de luta pelo restabelecimento de ordem legal violada poderia ser colocada em xeque se lembrarmos de tendências políticas à direita e à esquerda que com ela não estavam comprometidas. (ROLLEMBERG, 2016, p.40)

A resistência por meio da arte e da literatura infantil demonstra a importância da cultura como forma de luta e transformação social. Essa prática busca dar voz às minorias e expor as violências cometidas pelo Estado, levantando questões essenciais sobre o papel da sociedade civil na promoção da justiça e na defesa dos direitos humanos, criando uma consciência crítica na sociedade. Porém, muitos artistas que adotaram a literatura infantil como recurso foram perseguidos, censurados e exilados por suas obras, que eram consideradas subversivas pelo governo. Eles buscaram, por meio de suas obras, dar voz às pessoas que não tinham espaço na sociedade e expor as violências e injustiças cometidas pelo Estado, destacando a importância da resistência cultural como uma forma de combater a opressão.

A análise historiográfica busca identificar as mudanças e continuidades da literatura infantil em seu processo histórico e na ambientação social em que está inserida. De acordo Cláudia Gilman (2012), estudando essas práticas sociais, é possível reconhecer o impacto histórico e entender como a literatura foi usada como um meio de resistência durante a ditadura militar.

El notable interés por estudiar la literatura latinoamericana del sesenta subraya la importancia de esa literatura, su institucionalización y emergencia como literatura continental y su consideración a nivel mundial. Fue precisamente en ese período cuando esa literatura alcanzó su pico máximo de visibilidad y contribuyó a rearmar una nueva tradición literaria latinoamericana. Sin duda, el fenómeno del boom—en todas las formas en que fue definido— fue un detonante para plantearse en qué sentido los textos consagrados eran o no cualitativamente diferentes dentro de la producción literaria latinoamericana, y sirvió para proponer la categoría de nueva narrativa latinoamericana. (GILMAN, 2012, p.19-20)

Durante os anos 1960 e 1980, a política de formação de leitores no Brasil e Argentina,

foi marcada por uma disputa ideológica. “Sin duda, América Latina en su literatura pudo haber sido un estado definitivo de la cuestión si no hubiera quedado atrapado en la dinámica de la historia intelectual, en la que intervino, también, fuertemente al polo de la politización”. (GILMAN, 2012, p.20). Diante dessa situação, as obras literárias infantis precisaram se reinventar abandonando antigas tradições culturais e adquirindo novas características, tornando-se assim, não apenas um meio de diversão, mas também de formação de novos intelectuais.

Apesar da censura imposta pelos militares tanto no Brasil como na Argentina, ocorreu o que conhecemos pelo grande *boom* literário. Autores desses países produziram obras que, apesar de terem sido escritas em tempos sombrios, conseguiram trazer uma nova perspectiva para a literatura latino-americana. Ao mesmo tempo, os autores e autoras ao produzir literatura infantil, aproveitaram seus livros para expressar seus anseios de mudanças no contexto social em que estavam inseridos.

Era como si el conjunto de los escritores latinoamericanos se hubiera puesto de acuerdo para pedir intensamente un mismo deseo. Que esos deseos se realizaron y a comienzos de la época pareció refrendar el éxito de las intervenciones y la creencia del papel social del intelectual-escritor (GILMAN, 2012, p.94)

Como consequência desse cenário, a produção literária direcionada ao público jovem sofreu uma transformação, permitindo a disseminação de uma nova literatura que ajudou a formar uma geração de leitores críticos e engajados, capazes de questionar as injustiças e lutar por uma sociedade mais justa e democrática. Além disso, a literatura infantil também se destacou nesse período como um recurso importante, permitindo que ideias e críticas à situação política fossem transmitidas por meio de figuras de linguagem como metáforas e parábolas que poderiam ser compreendidas como críticas aos regimes.

A partir desta concepção, os livros de Ana Maria Machado e Elsa Bonermann ilustram a forma como as autoras foram capazes de expressar questões históricas e sociais relevantes nas entrelinhas de suas histórias, dentro do contexto político e social dos anos 1960-1980. As histórias infantis aqui utilizadas refletem a construção de novas possibilidades, fundamentais para a criação de novos personagens que fazem parte do mundo real e lutaram pela reconstituição da vida política e pública.

De acordo com as observações de Carvalho et al. (2021), a cultura no Brasil começou a sofrer graves ataques depois da implantação do AI-5, enfrentando novas formas de controle

ideológico mais rigoroso por parte dos governantes. Após a promulgação do Ato, em 1968, as obras artísticas, como canções, peças de teatro e livros, foram obrigadas a passar por revisão de censores do governo antes de serem lançadas, resultando em uma queda quantitativa nas produções de arte.

Os artistas brasileiros foram forçados a encontrar maneiras de dissimular suas mensagens para que suas obras pudessem circular. Devido ao papel da literatura na formação intelectual social e política do indivíduo é possível compreender a importância da literatura infantil como ferramenta para transmitir valores e ideias que desafiem as normas, mesmo em contextos políticos restritivos.

Segundo Denise Rollemberg (2016), ao citar Jaques Sémelin, o ato de resistir de forma direta ao poder é uma forma de resistência, e a literatura, ao utilizar um mundo imaginário, pode contribuir para a formação e fomentar o senso crítico, levando o indivíduo a ter esperança e, conseqüentemente, resistir. Assim, a literatura infantil se apresenta como uma importante forma de resistência cultural e política nos contextos brasileiro e argentino, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes e engajados em suas comunidades. As obras de Ana Maria Machado e Elsa Bonermann refletem como essas autoras foram capazes de expressar questões históricas e sociais relevantes no contexto das condições políticas e sociais das décadas de 1960-1980.

Dentro desse contexto, é possível notar a importância da produção da literatura infantil no Brasil e na Argentina como um meio de resistência cultural e política. Tanto no Brasil quanto na Argentina, a literatura infantil tem sido utilizada como uma ferramenta de expressão e resistência contra as opressões políticas e sociais vivenciadas por esses países. Por meio de narrativas imaginárias, os autores têm a capacidade de estimular a formação de um senso crítico nas crianças e jovens, além de fomentar a esperança e o desejo de resistir, mesmo em momentos difíceis.

Retomando as reflexões de Daniara Zampiva Ferri (2017) sobre a censura, lembramos que as histórias tristes nem sempre são agradáveis de ouvir, mas são essenciais para evitar que os erros do passado se repitam. A censura não se limita apenas à proibição de circulação dos impressos; seu significado muitas vezes se perde e é distorcido, especialmente durante períodos de conflitos mundiais, guerras e regimes ditatoriais.

O que podemos tirar dessas observações é que a censura não é apenas um ato de reprimir informações ou opiniões, mas também uma ferramenta de controle social. Ela é usada para manipular a percepção da verdade e silenciar vozes discordantes. Portanto, é fundamental que nos lembremos das histórias tristes de censura e violação dos direitos humanos para

reconhecemos os sinais da censura em nossa própria sociedade e, assim, preservar a liberdade de expressão e proteger os direitos humanos. Devemos estar atentos às várias formas que a censura pode assumir, mesmo quando não é óbvia, e defender a liberdade de expressão como um valor essencial para uma sociedade democrática e justa.

Mesmo sob uma intensa vigilância, artistas e intelectuais frequentemente buscavam estratégias para driblar as restrições da censura, com o propósito de compartilhar suas mensagens e visões de mundo. Sem exceção, a literatura foi palco de denúncias quando os autores utilizavam os gêneros textuais para externar seus sentimentos em relação ao momento, já que uma produção literária engajada refletia as questões nacionais e a opressão da época. Essa produção pode ser dividida em romances políticos, memórias e relatos testemunhais, assim como, a uma "literatura de sintoma" que expressava o sentimento de opressão e angústia que afligia intelectuais e artistas naquele momento. Dentre esses, os romances políticos se destacaram nas listas de mais vendidos, incluindo obras de autores como Érico Veríssimo e Chico Buarque de Holanda.

Ao olhar para a história a partir da literatura e tratando-a como campo privilegiado de pesquisa, temos a oportunidade de esmiuçar as possibilidades que as obras de Ana Maria Machado e Elsa Bonermann nos oferecem, articulando-as com as manifestações artísticas que ocorreram entre 1970-1980. Buscamos ressaltar como a proposta de desconstrução da tradição do “faz de conta” e “dos contos de fadas” estavam articulados com as propostas políticas populares desses anos e como elas expandiam a arena democrática para além das demarcações até então mantidas em pé pelo regime ditatorial.

A escrita foi uma das ferramentas utilizadas para que as artistas pudessem estabelecer uma posição diante das mudanças históricas causadas pelo regime militar em ambos os países. As autoras, por meio de histórias para crianças, expressaram um desejo de mudança diante das transformações sociais e políticas prementes ao momento, e por meio da literatura infantil é possível compreender como as articulações entre os regimes ditatoriais e as histórias escritas para crianças colaboram para o processo de formação social.

As escritoras fizeram da militância um espaço de divulgação artística, a arte era uma forma de expressão. Essas formas de expressão artística foram cruelmente cerceadas, proibidas de disseminar qualquer manifestação que fosse interpretada como contrária aos paradigmas impostos pelos regimes vigentes. As mulheres desempenharam um papel expressivo na conscientização das questões relacionadas aos seus direitos como mulheres e como cidadãos. Neste período, os movimentos sociais estavam ganhando força em todo o mundo e a literatura infantil foi um meio eficaz de transmitir valores e ideias para as gerações mais jovens.

Citamos outros exemplos notáveis no Brasil como o de Lygia Bojunga Nunes; esta renomada autora brasileira escreveu livros que desafiavam os estereótipos de gênero, como "Ana, a Mãe dos Cata-Ventos" (1976), que aborda questões de identidade e autonomia das mulheres. Ruth Rocha escreveu livros infantis populares que desafiavam as normas de gênero e abordavam temas de empoderamento feminino, como "Marcelo, Marmelo, Martelo" (1976), Ana Maria Machado, escreveu vários livros infantis notáveis nesse período, incluindo: "Menina Bonita do Laço de Fita" (1979): esse considerado um clássico da literatura infantil brasileira. Ele aborda questões de identidade e diversidade racial de uma maneira simples e cativante, contando a história de uma menina que quer saber como fazer para que seu coelho branco também fique pretinho como ela.

Na Argentina, as mulheres também estavam buscando a arte por meio da literatura para externar um desejo de reconhecimento, com mensagens de resistência e questionamento das normas impostas pelo regime. Essas autoras argentinas, assim como as mencionadas autoras brasileiras, desempenharam um papel fundamental ao usar a literatura infantil como uma forma de expressão e resistência durante um período de repressão política. Suas obras contribuíram para a conscientização das questões sociais e políticas, além de promoverem valores de igualdade e liberdade.

María Elena Walsh foi uma escritora e poeta argentina que escreveu livros infantis que combinavam histórias cativantes. Um de seus livros mais conhecidos é "O Reino do Revés" (1984), que usa uma linguagem criativa para criticar sutilmente a realidade política da época. Graciela Montes destacou-se na literatura infantil durante a ditadura militar. Seu livro "Um Cão Andaluz" (1975) é um exemplo de como ela abordou questões sociais e políticas por meio de histórias acessíveis às crianças, oferecendo uma visão crítica da realidade.

Em 1971 Elsa Bornerman, aos dezoito anos, deu início à sua carreira de escritora com "Tinke-tinke versicuentos". Em 1975, publicou "Um Elefante Ocupa Muito Espaço", seguido por "O Espelho Distraído", "O Livro dos Meninos Apaixonados" e "Contos de um Salto Canguru" em 1977³.

A literatura infantil foi usada como uma ferramenta eficaz para educar as crianças sobre questões de gênero, empoderar as meninas e desafiar os estereótipos de gênero tradicionais. Os autores e autoras desses livros frequentemente retratavam personagens femininas corajosas e independentes, o que contribuiu para a conscientização das crianças

³ O site do Ministério de Cultura da Argentina fornece informações detalhadas sobre Elsa Bornemann. Disponível em: <MINISTÉRIO DE CULTURA ARGENTINA. Elsa Bornemann. <https://www.cultura.gob.ar/elsa-bornemann-9045>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

sobre a importância da igualdade de gênero.

Durante a década de 1970, período marcado pela ditadura e pela censura, essas artistas estavam envolvidas na militância. Elas estavam simultaneamente ligadas pelo seu amor pela escrita e pelo desejo de retratar aspectos cotidianos através de livros para crianças, buscando, por meio de suas obras, transmitir mensagens políticas e sociais em um contexto desafiador. Por essas características, os livros infantis trazem um conjunto de discussões mais amplas no âmbito teórico, pois sua tendência é olhar através do "faz de conta", tentando compreender de que maneira os sujeitos fictícios se articulam com valores morais estabelecidos pela sociedade. Mesmo pertencendo ao gênero infantil, as histórias despertam o interesse quanto ao período em que suas obras foram produzidas, durante um momento de intensa militância em prol da liberdade e da justiça.

3.1 UM BRASIL MEIO AO CONTRÁRIO

A ditadura militar brasileira, vigente desde 1964, perdurou por 21 anos no país. A literatura infantil emergiu como um meio poderoso de resistência cultural e política. Sob o peso das restrições impostas à liberdade de expressão e à produção cultural, o governo censurou obras que considerava subversivas ou em desacordo com os valores defendidos pelo regime. “Em dezembro de 1968, quando ao golpe dentro do golpe e o endurecimento do regime, com a promulgação do Ato Institucional nº5, não é de espantar que os artistas sejam duramente atingidos.” (MACHADO, 1999, p.15). Essas obras não apenas confrontaram as ideologias dominantes, mas também estimularam o pensamento crítico nas crianças e jovens leitores.

Nesse cenário desafiador, a própria autora aponta os desafios impostos pelos autores para driblar a censura “Nomes como os de Ziraldo, Lygia Bojunga Nunes, Edy Lima, João Carlos Marinho estreiam nessa época. E além disso, 1969 é o ano da revista *Recreio*, destinada a dar o passo seguinte na estrada aberta por Lobato”. (MACHADO, 1999, p.15). Isso ilustra como a literatura infantil não apenas resistiu às pressões da Ditadura, mas também continuou a evoluir e a oferecer uma plataforma para a expressão criativa e a crítica social.

Um exemplo notável dessa resistência literária é o livro *História Meio ao Contrário*, escrito por Ana Maria Machado no final da década de 1970, que será o foco de nossa análise historiográfica neste contexto complexo. Ao longo de sua carreira, ela escreveu mais de cem livros juvenil, traduzidos para diversos idiomas e recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais. A carreira da autora foi intimamente ligada à conturbada história do Brasil

durante a metade do século XX, e ambas se complementam para esclarecer o significado histórico de sua obra literária.

Machado escreveu outras obras com temáticas políticas e sociais, como “Bento que Bento é o Frade” (1977), sendo esse o primeiro livro publicado, “Camilão, o Comilão” (1977), “Bisa Bia, Bisa Bel” (1981), que aborda a relação entre avós e netos e as memórias familiares e “Menina Bonita do Laço de Fita” (1986), que retrata sobre o racismo. Em 1977, também foi o ano de publicação do livro aqui em destaque, *História Meio ao Contrário*, que se tornou um clássico da literatura infantil brasileira⁴. O livro foi um sucesso e teve várias edições esgotadas, mesmo com a censura que existia na época.

Durante a época sombria da ditadura militar no Brasil, a escritora Ana Maria Machado teve grande destaque. Como professora, ela fez parte do grupo que lutou contra os abusos do governo. Ela se formou em Letras na Faculdade Nacional da Universidade do Brasil e obteve pós-graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária pela UFRJ, onde posteriormente atuou como docente no curso de Letras.

Devido ao seu engajamento no movimento de professores, Ana Maria Machado acabou sendo presa e, após ser solta, teve que se exilar na França, onde trabalhou na revista *Elle*. Em seu livro intitulado “Contra Contracorrente - Conversas sobre a literatura e política,” (1999), Machado relatou que, em suas obras, buscou refletir sobre os tempos difíceis da ditadura militar no Brasil. “Em nome dessas questões fomos para as ruas, para os cárceres e para o exílio, muitos desapareceram e foram mortos, nenhum dos responsáveis foi julgado ou, pelo menos exposto a execração da opinião pública”. (MACHADO, 1999, p.28). Mesmo longe do país, ela continuou escrevendo histórias infantis para a revista “Recreio”, revista essa que pertencia à editora Abril, que mantinha contrato com o governo.

Em 1977, ela retornou ao Brasil e logo publicou *História Meio ao Contrário*, um livro que inovou na linguagem lúdica e mais próxima à realidade em histórias infantis. O livro recebeu o prêmio João de Barro no mesmo ano e o Prêmio Jabuti no ano seguinte. Em 1994, o livro foi incluído na “Lista Melhores do Ano em Bogotá” (MACHADO, 2014). Em 2000, Ana Maria Machado recebeu o Prêmio Internacional Hans Christian Andersen e, atualmente, ocupa uma cadeira na Academia Brasileira de Letras⁵.

⁴ MACHADO, Ana Maria. Biografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/ana_maria_machado/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

⁵ MACHADO, Ana Maria. Biografia. Op. Cit., Acesso em: 13 dez, 2022.

A escritora Ana Maria Machado utilizou sua escrita direcionada para o público infantil para abordar questões sociais de maneira sutil, utilizando o mundo da imaginação e da fantasia. Mesmo dentro das particularidades da literatura infantil, a autora expressou a necessidade de transformação histórica, utilizando sua experiência como professora e escritora para criticar o sistema político e defender ideais democráticos. Segundo o relato da própria autora, o golpe militar gerou incomodo gerando manifestação por parte da população contraria ao regime:

Isso tornou os textos de literatura infantil Brasileira dessa época muito carregados de sentidos. Em termos de conteúdo, tudo foi expresso e discutido, da “revolução” de 64 ao exílio, da luta armada à censura, do autoritarismo ao imaginário, mas obviamente psicanalítico, dos novos padrões de comportamento às novas realidades familiares e sociais. Formalmente, estava-se sempre na vizinhança de outros textos igualmente densos de significado: bom humor e poesia. (MACHADO, 1999, p.18)

A autora ressalta o papel da literatura infantil durante a ditadura militar, destacando como os autores usaram histórias infantis para discutir questões sociais, políticas e psicológicas complexas. Ela aponta para o fato de que, durante essa época, os autores não se limitaram a criar histórias simples para crianças de forma corajosa e inovadora. Além disso, a combinação de conteúdo “denso com elementos como bom humor e poesia” (MACHADO, 1999, p.18) tornou essa literatura educativa e envolvente, enriquecendo a experiência das crianças como leitoras e cidadãos informados e imaginativos.

Ao explorar elementos fantásticos em sua obra, Machado consegue envolver o leitor em uma jornada que extrapola a realidade cotidiana e permite a reflexão sobre questões de grande envergadura histórica e social. Assim, sua obra transcende os padrões convencionais da literatura infantil ao oferecer uma experiência de leitura carregada de sentido.

E de um amplo uso de metáforas e símbolos, na criação de um texto ambíguo, polissêmico, carregado de alusões e significados ocultos, capaz de ser decifrado em várias camadas distintas, por leituras diversas, desde a da criança pequena que neles vivem uma aventura ou as peripécias do enredo, até a do crítico universitário exigente e erudito, descobriram em toda parte procedimentos literários de metalinguagem e intertextualidade, até então insuspeitados no gênero. (MACHADO, 1999, p.18)

Nesse contexto, podemos traçar paralelos com as teorias de Lev Vygotsky (2008, p.34) que destacou a importância do papel do jogo e da imaginação no desenvolvimento

psíquico da criança, com a literatura infantil que incorpora elementos fantásticos não apenas proporciona entretenimento, mas também possibilita uma imersão em temáticas relevantes e questionadoras, estimulando o pensamento crítico e promovendo o crescimento intelectual e emocional do leitor.

Durante a época sombria da ditadura militar a obra da autora teve grande destaque. Ainda hoje diversos críticos e estudantes trazem o sentido da “história ao contrário” para compreender o tempo presente. Além do fato do enredo chamar atenção das crianças envolvendo-as na fantasia, é também aclamado por críticos e estudantes como é o caso de Regina Zilberman, Mariza Lajolo e Paulo Alex Souza Melo da Silva, como afirma em seu artigo:

Utilizando uma linguagem simples, que não cansa o leitor, pelo contrário, o envolve, Ana Maria Machado deixa à mostra sua consciência crítica e o engajamento político que a literatura pode assumir, salientado pelo fato de o livro ter sido lançado em plena ditadura militar. A obra, publicada na década de 70, surge, assim, como um baluarte de resistência e contraposição cultural, e sua própria construção vai de encontro às convenções narrativas tradicionais, rompendo paradigmas. (SILVA, 2007, p.130-131)

Essa reflexão explicita como a literatura infantil é uma forma de resistência, que desafia as narrativas dominantes e propõe outras formas de se pensar a história e o futuro da humanidade. Nesse sentido, *História Meio ao Contrário* pode ser visto como parte de um movimento cultural mais amplo que marcou o período da Ditadura Militar e que teve como objetivo resistir às restrições impostas pelo regime autoritário e lutar por uma sociedade mais justa e democrática. Segundo Regina Zilberman:

A obra de Ana Maria Machado sinalizava, na virada dos anos 70 para 80, que a literatura infantil não apenas se insubordinava contra o sistema vigente, fosse ele o literário, o político ou econômico. Revelava igualmente que era hora de fazer uma nova história, “meio ao contrário”, porque, se dava seguimento ao que de melhor a literatura infantil fornecera até então, tinha na mesma proporção de procurar seu rumo e traçar os caminhos da estrada que se abria à frente, conforme uma aventura inovadora e plena de desafios. (ZILBERMAN, 2005, p.54)

O diálogo abrange todos os personagens da história nos aproximando da realidade a partir da ficção. De acordo com a perspectiva de Silva (2009), ao longo da história, o homem sempre buscou maneiras eficientes de comunicar suas experiências sensoriais, emocionais e

mentais. Nesse sentido, é possível afirmar que a obra de Ana Maria Machado, ao transmitir temas complexos e relevantes nas entrelinhas de uma fantasia, alcança um nível de expressão que transcende a mera narrativa de eventos. Assim, a obra se torna um registro histórico peculiar de sua época, mas nem por isso menos interessante ou significativo.

Ana Maria Machado traz à tona questões profundas que envolvem a percepção da realidade e da imaginação. Ela retrata os personagens de maneira minuciosa e habilidosa, estabelecendo um paralelo vívido entre o mundo real e o mundo da fantasia. Através dessa narrativa, lança críticas perspicazes sobre temas que ecoam na vida cotidiana, como a importância de questionar as convenções estabelecidas, o que provoca reflexões críticas sobre a forma como a história é contada e interpretada.

Analisar a obra de Ana Maria Machado nos possibilita compreender suas "estratégias ficcionais", marcadas por sua postura crítica no Brasil. A autora molda sua narrativa dando-lhe um novo significado, apresentando novos personagens, o que está intrinsecamente ligado com a história do mundo real, ou seja, o Brasil, mais precisamente final do regime militar. O livro subverte as convenções narrativas tradicionais, desconstruindo a ideia de um final feliz. Dessa forma, os personagens de suas histórias se tornam veículos para a reflexão sobre a moral da história e para transmitir valores importantes para os jovens leitores.

O enredo começa onde todos os contos de fadas terminam, ou seja, "*viveram felizes para sempre...*". A *História Meio ao Contrário* da autora Ana Maria Machado inicia com uma família real que vivia feliz em seu castelo, composta pelo rei, a rainha e sua filha. No entanto, um dia, o rei entra em pânico ao perceber que o sol estava se pondo, acreditando que alguém havia roubado o Sol, o que causa alarme em todo o reino. O Primeiro-Ministro tenta explicar que isso era uma ocorrência natural, mas o rei insiste em reunir seus súditos para descobrir o que estava acontecendo. Um soldado é trazido até o rei e afirma que um dragão negro de um olho só é o responsável por "roubar" o sol diariamente. O rei então chama um príncipe distante para matar o dragão que engole o dia, deixando todos preocupados, pois só quando escurece é que o povo pode descansar. Diante disso, o rei promete a mão de sua filha em casamento a quem conseguir matar o dragão. Uma camponesa da aldeia se encontra com um príncipe encantador a caminho do castelo, embora ele não esteja interessado na mão da princesa, mas sim em buscar uma aventura, pois não tinha nada para fazer. A camponesa e os demais moradores da aldeia sabiam que o dragão era, na verdade, um amigo que assegurava o ciclo natural, trazendo o sol para permitir o descanso e o desenvolvimento da natureza. Eles decidem pedir ajuda a um gigante que morava nas montanhas para defender o dragão. O gigante nos leva a compreender que não há dragão, mas um ciclo natural, chamado

rotação da terra. Quando a noite cai, o príncipe tenta lutar com o dragão, mas a densa vegetação e a presença de insetos tornam a luta impossível. Apesar disso, o rei ainda oferece a mão de sua filha ao príncipe, mas ele recusa, pois está apaixonado pela camponesa. O príncipe decide ficar na aldeia e trabalhar como vaqueiro, escolhendo o amor e a vida com a camponesa em vez do casamento real.

A *História Meio ao Contrário* é um livro infantil de conto de fadas que se destaca pela maneira peculiar como a trama se desenrola. A autora cria um enredo que desafia as convenções usuais do gênero de fantasia, começando pelo "felizes para sempre" onde tudo termina, lembrando que as histórias têm continuidade. Dessa forma, demonstra uma reviravolta nas expectativas habituais dos contos de fadas, promovendo assim uma modificação na estrutura característica dessas histórias, onde o desfecho feliz envolve escolhas inesperadas e organização por parte dos personagens.

Ao começar a narrativa intitulada, a autora inicia pela conclusão da história e expõe uma preocupação sintomática, levando em conta que se trata de uma obra de ficção repleta de elementos fantásticos inspirados nos contos de fadas. “Tem muita história que acaba assim. Mas esse é o começo da nossa. Quer dizer, se a gente tem que começar de algum lugar, pode muito bem ser por aí.” (MACHADO, 2001, p.4). Uma observação pertinente que podemos extrair desse trecho é que as histórias nem sempre têm um desfecho feliz, o que é relevante para o nosso argumento. Mesmo que essa abordagem não seja intencional, é importante notar que, na sequência apresentada, a preocupação com a verdade é priorizada em detrimento do apelo emocional.

Quando Ana Maria Machado cria uma narrativa que se origina nos antigos contos de fadas, ela introduz novos elementos, proporcionando novas possibilidades tanto para seus personagens quanto para seus leitores dentro do universo imaginário. Isso nos leva a questionar o papel desempenhado por esses sujeitos fictícios e a influência que exercem tanto sobre a fantasia quanto sobre a realidade. A obra *História Meio ao Contrário* pode, portanto, ser vista como uma analogia da vida real, na qual se pode comparar o tempo cronológico com o tempo mágico presente no mundo da fantasia e da imaginação que permeia a literatura infantil.

Gosto muito de inventar coisas. Por isso não sou muito boa contadeira de histórias. Fico misturando as coisas que aconteceram com as inventadas. E quando começo a conversar vou lembrando de outros assuntos, e misturando mais ainda. Fica uma história grande e principal toda cheia de historinhas pequenas penduradas nela. Tem gente que gosta, acha divertido. Tem gente

que só quer saber de histórias muito exatas e muito bem arrumadinhas - então é melhor mudar de história, porque esta aqui é meio atrapalhada mesmo toda ao contrário. (MACHADO, 2001, p.5)

Nessa perspectiva, o papel principal da história e seu desenvolvimento transmitem a mudança no protagonismo social e histórico vivido pelo Brasil na década de 1970, criando uma narrativa de conto de fadas inverso. A forma como a trama é construída no livro assemelha-se à realidade histórica, na qual também se verifica a mudança do rumo da história. Do ponto de vista histórico e social, a subversão narrativa de Machado aproxima-se da mudança na estrutura hegemônica sobre o passado brasileiro, predominantemente autoritário.

O governo militar, ao tomar o poder, vendia uma imagem de salvadora em um país de terceiro mundo ameaçado pelo comunismo, como se fosse "um Reino muito distante Encantado" (MACHADO, 2001, p.6). O regime levantou a bandeira de reorganizar a economia e conter os atos subversivos que ameaçavam a segurança estabelecida pelo governo. A narrativa oficial, frequentemente exagerava os feitos do regime em busca de uma imagem positiva, mantendo uma aparente normalidade, apesar dos problemas e da repressão que caracterizavam o período.

Não é possível assegurar de forma definitiva que todas as referências sejam compreendidas pelo conjunto de leitores. Ana Maria Machado (2001, p.6) na *História Meio ao Contrário* referindo se ao reino encantado, fala de um lugar de paz e harmonia, um lugar mágico e inabalável: "Eles podiam ficar tristes, zangados, furiosos da vida, chateados, aborrecidos, até mesmo infelizes. Mas isso era só um jeito de estar um tempo". Esse foi um período sombrio de nossa história, marcado pelo autoritarismo que prevaleceu na época.

Eder Sader (1988), ao escrever sobre os movimentos sociais, aponta que, devido ao regime militar, "Na primeira metade dos anos 70, as classes trabalhadoras foram vistas como completamente subjugadas pela lógica do capital e pela dominação de um Estado onipotente" (SADER, 1988, p.34). Ao mesmo tempo, Marcos Napolitano (1998, p.35) destaca que a ideologia da "Doutrina de Segurança Nacional" serviu de base para o regime, permitindo a detenção, tortura e morte de cidadãos com base em simples suspeitas. Como vimos anteriormente no capítulo dois desta dissertação, em que os governos autoritários usam da manipulação para enganar ali e alienar a população. Se porventura as suas estratégias fossem questionadas, passavam a usar de violência para conter as eventuais ameaças. Nesse contexto, o governo se considerava vítima de atos subversivos e terroristas que o ameaçavam.

Entretanto, a paz e a ordem do governo estavam ameaçadas; de acordo com Napolitano (1998), no final da década de 1970, a saturação do "milagre econômico" e a forte repressão do

governo levaram o povo à exaustão e ocorreu uma reorganização em prol de seus direitos, com a promoção de diversas manifestações públicas. Conforme inúmeros brasileiros se empenhavam em redefinir seu lugar na esfera política estabelecida, pressionava o governo a uma nova abertura política. Dessa forma, a metáfora do “Rei” presente na história infantil condiz com o governo ditatorial, o qual determina que seus subordinados cumpram suas ordens de forma inquestionável.

Na narrativa, o Rei não deveria ser pressionado pelo seu povo quanto à transparência de suas ações ao ponto de minimizar os problemas que os afetavam. O Rei, de maneira mais verossímil possível é compreendido aqui como um ditador que, ao assustar-se com o ladrão de seus dias, apavora-se e toma consciência da grandeza de seu reino. Porém a partir de uma breve leitura da *História Meio ao Contrário*, podemos perceber que a autora sempre que faz o uso da palavra “real”, provoca-nos a refletir sobre sua importância: “Real sala de banquetes”, “real sala do trono”, “reais corredores”, “reais jardins”, “reais energéticas providências”. (MACHADO, 2001, p.12 e 14), ou seja, a realidade faz parte da história trazendo o leitor a identificar-se com ela. No caso da ditadura, o leitor colocar-se como personagem importante da história de seu país.

Por meio da *História Meio ao Contrário*, Ana Maria Machado consegue satirizar a ignorância do governo sobre a dimensão de sua população, por meio do diálogo com seu Primeiro-Ministro, percebemos que ambos têm atitude de minimizar problemas de seu reino, e assim evitar preocupar a liderança, refletindo a falta de representação real das preocupações do povo.

– Ninguém quis aborrecer nem preocupar Vossa Majestade, só isso. Se nós fôssemos trazer a vossos reais ouvidos todos os problemas do povo, como é que vossa majestade ia poder continuar ser feliz para sempre? Aqui dentro é protegido, claro, tranquilo... Para que Vossa Majestade quer saber de problemas e se arriscar a ter uma real dor de cabeça?...

– Majestade, o povo não é uma pessoa, porque são muitas...

– Temos algumas pessoas do povo aqui no castelo. Os soldados, por exemplo. Os cozinheiros, as arrumadeiras, os mensageiros, os arautos, os jardineiros, todo o pessoal das cavaliças, enfim, a criadagem inteira. Vou mandar que eles se reúnam no pátio.

Do alto da sacada, o Rei olhou e viu aquela multidão reunida lá embaixo. Ficou assombrado:–Tudo isso é o povo?

– Isso e muito mais, explicou o Primeiro-ministro. Todas as pessoas que trabalham no campo, na aldeia, nas casas do vale, tudo isso é o povo. (MACHADO, 2001, p.16-18)

Da mesma forma que a autora satiriza, ela convoca o leitor para refletir sobre a sua participação nas decisões políticas que começaram a emergir na metade da década de 70. Essa reflexão é ressaltada pela autora ao destacar em sua história os personagens com letras maiúsculas (Rei, Rainha, Primeiro-Ministro, Dragão Negro, Príncipe, Ferreiro, Camponês, Pastora, Gigante e Tecelã). Essa escolha de letras maiúsculas enfatiza a igualdade de importância de todos os personagens na narrativa, demonstrando que todos têm papel fundamental na história. A forma como a escritora estrutura sua narrativa em relação aos personagens lhes dá relevância de maneira igualitária, reforçando a ideia de que todos fazem parte da história e todos têm a mesma importância na construção do enredo.

A partir do contexto apresentado na análise da obra, podemos concluir que a reflexão sobre a participação popular nas decisões políticas e a conscientização sobre a negligência do governo em relação às necessidades do povo eram temas preeminentes na época. Isso se alinha com a citação de Marcos Napolitano (1998), que aponta que os movimentos sociais nasceram da dificuldade vivida pelos trabalhadores nas grandes cidades, como o alto custo de vida, a falta de moradia adequada e a carência de serviços essenciais. Esse mesmo povo, ignorado na fantasia, também foi negligenciado no mundo real pelos seus representantes, e nesse mesmo período passou a se reorganizar por meio de movimentos sociais,

Surgidos a partir das dificuldades sentidas pelos trabalhadores no dia-a-dia das grandes cidades, tais como custo de vida alto, dificuldade de encontrar moradia, deficiência de serviços básicos (transporte, saúde educação), entre outras, esses movimentos nasceram no começo dos anos 70. Inicialmente se expressando de forma tímida e fragmentada, eles acabariam se tornando cinco anos depois, uma referência política contra a situação vigente no Brasil ao promover grandes manifestações públicas. (NAPOLITANO, 1998, p.48)

Inicialmente, esses movimentos eram modestos e fragmentados, mas, ao longo de cinco anos, eles evoluíram para se tornar uma referência política e promover manifestações públicas significativas, demonstrando a crescente mobilização e conscientização do povo brasileiro em relação à situação do país. Essa evolução e mobilização social representaram um importante capítulo na história do Brasil, marcando o início de uma luta por direitos e justiça social mais efetiva. Assim como na história, o povo reconhece seu lugar como protagonista e se unem para o bem comum.

Para Sonia Regina de Mendonça e Virginia M. Fontes, “O auge da ditadura militar, entretanto, indicava limites, juntamente com o fim do ‘milagre’. Formas alternativas de organização popular construíram-se, novos partidos surgiram fraturava-se o bloco do no poder”

(MENDONÇA e FONTES, 2004, p.66). Este período de transformação representou um momento crucial na história do Brasil, marcando a transição para um período de maior pluralidade e abertura política, com a crescente participação do povo na redefinição do seu destino político e social.

Os movimentos sociais, conforme descritos por Sader (1988), evidenciam a emergência de novos atores sociais e a reconfiguração das identidades dos trabalhadores na esfera pública, marcando o início de uma nova era na história social do país. Esse contexto também aponta para o surgimento de discursos inovadores que abordam os elementos que compõem as condições de vida desses segmentos sociais. Como resultado desse cenário, grupos distintos se organizam de maneira renovada, como Sonia Regina de Mendonça e Virginia M. Fontes indicam: "O limite físico da resistência das camadas populares estava atingido. Mal remunerados e, portanto, mal alimentados, a extenuação dos trabalhadores tornava-se evidente" (2004, p.68). Essas mudanças refletem não apenas uma reconfiguração nas lutas e reivindicações dos trabalhadores, mas também uma resposta às condições de vida precárias a que estavam submetidos.

A reflexão sobre a importância da luta e dos atos heroicos realizados pelos personagens da história os conduz a um diálogo significativo acerca de seus trabalhos e o quanto o Dragão os auxilia a passar o dia de forma mais leve. A narrativa de *História Meio ao Contrário* proporciona uma representação diversificada de vozes e opiniões dentro da comunidade, e o papel do Dragão nessa história é o de revelar ao povo as novas possibilidades e os benefícios do Descanso, algo que o governo desconhecia e negligenciava. Quando o povo procura o gigante e tentam acordá-lo, chamando-o várias vezes, podemos compreender o apelo da autora por despertar um país há muito adormecido, incitando ao leitor sobre o momento do levante popular e sua importância e fazendo referência a "acordar o gigante", numa clara alusão às dimensões continentais do Brasil.

Conforme a história:

– Acorda! Acorda! Acorda!

Tanto gritaram que o gigante, apesar de muito dorminhoco, acabou acordando. Nem se mexeu, nem se espreguiçou. Acho até que nem abriu os olhos. Mas acordou um pouco. E no meio do sono, houve uma multidão toda a população da aldeia dos Campos gritando:

– Acorda! Acorda! Acorda!...

...-É acordar, seu gigante. Se o senhor não acordar logo, é capaz de aqui a pouco ninguém mais poder dormir em paz.

Com essa o gigante acordou. Não se levantou nem se mexeu. Mas ficou bem acordadinho e pediu:

– Expliquem essa história toda...

...– Ah, a real ignorância...

– Vamos dar um jeito nisso. Vocês fizeram bem em vir me procurar. Vamos defender o Dragão Negro e seu olho de luar. Do meu corpo de terra tudo vai brotar. No trabalho de vocês, tudo vai continuar. (MACHADO,2001, p.28 e 30)

Assim como os personagens do livro, os movimentos sociais lutam em conjunto para acordar o gigante adormecido, que muitas vezes, apesar de sua grandeza, permanece em uma zona de neutralidade, buscando descansar em “berço esplêndido”. Na história, o príncipe traz um sentido de persistência e coragem ao enfrentar um grandioso desafio, sem desanimar, seguindo em frente até apaixonar-se pela bela camponesa. Da mesma forma, o ato heroico reflete o senso de luta de muitos protagonistas do mundo real que sacrificaram suas vidas na luta contra a ditadura militar. Enfrentando um governo que reprimia duramente as críticas, esses movimentos se adaptaram e se mobilizaram em busca de direitos práticos e imediatos.

Muitas vezes, aqueles que estiveram à frente dos grupos de luta e resistência enfrentaram prisões arbitrárias, exílio, ameaças e, mesmo assim, mantiveram-se firmes e continuaram na luta pelo fim do governo autoritário, conforme Napolitano (1998). Essas ações culminaram em amplas mobilizações políticas em todo o país, formando uma cidadania diversificada e engajada. Além de desafiar a política ditatorial, eles também promoveram pautas que, embora parecessem menores, eram cruciais para melhorar as condições de vida. No contexto das décadas de 1970 e 1980, os movimentos sociais desempenharam um papel essencial na luta por condições básicas de vida, representando uma ampla gama de grupos sociais, categorias profissionais, agendas sociais e políticas.

Os movimentos sociais desempenharam um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e democrática, desafiando o governo autoritário e promovendo uma cidadania participativa. “Nas lutas sociais, os sujeitos envolvidos elaboram suas representações sobre os acontecimentos e sobre si mesmos” (SADER, 1988, p.142). Cada grupo de movimento tinha seus próprios princípios e demandas específicas, refletindo a diversidade de interesses e perspectivas dentro da sociedade. Nesse cenário, esses movimentos desempenharam um papel fundamental na construção de uma Constituição que refletisse as aspirações e necessidades de diferentes segmentos da população.

Os movimentos sociais que surgiram na segunda metade da década de 1970 reconheciam a importância de suas ações para legitimar seus direitos no contexto da formulação

de uma nova Constituição. Esse não é o desfecho da história da ditadura militar no Brasil, nem tampouco dos movimentos sociais, que ainda ecoam na narrativa do presente. Da mesma forma, *História Meio ao Contrário* chega ao seu término, mas com uma estrutura transformada, evidenciada pela assertiva da princesa de que ela é a protagonista de sua própria história: "Nada disso. Minha história quem faz sou eu. Posso até casar com este príncipe. Mas só se ele e eu desejarmos profundamente" (MACHADO, 2002, p.38). Através da leitura desse livro infantil, podemos perceber como o discurso da autora se transforma em um apelo por mudanças, tanto dentro como fora da fantasia.

Ana Maria Machado ao transformar suas obras em ferramentas críticas, nos conduz a uma análise profunda dos medos, angústias e esperanças de uma geração inteira. Ela nos convida a refletir sobre os diversos personagens que desempenharam papéis fundamentais nas mudanças ocorridas no final da ditadura e o faz por meio de um livro infantil, utilizando a linguagem tão usual para literatura infantil, que é o conto de fadas. Essa provocação à reflexão nos incentiva a enxergar a fantasia como a representação ficcional de sentimentos e eventos que estão intrinsecamente ligados ao nosso cotidiano. Isso ressalta a importância da literatura e da arte como meios de compreender e analisar a realidade e a história, mesmo quando apresentadas em um contexto aparentemente distinto.

3.2 A DITADURA E O “ELEFANTE” NA ARGENTINA.

Durante a ditadura militar no Brasil, a análise da literatura infantil revela estratégias criadas por diversos autores, incluindo Ana Maria Machado, para denunciar os abusos do governo. Paralelamente, na Argentina, também houve a pesada carga da censura e repressão durante a mesma década tumultuada. Em 1976, o país submergiu a uma nova ditadura militar, caracterizada por sua natureza autoritária e violenta, deixando profundas cicatrizes na memória da Argentina e da América Latina.

Nesse contexto, Puigrós (2003) destaca a importância dos momentos em que os militares ocuparam o poder, resultando em retrocessos significativos na educação e na cultura do país. Apesar dos desafios enfrentados pela população, a arte e a cultura emergiram como meios de resistência e expressão de suas condições por meio da escrita. A literatura infantil ganhou destaque nas vozes de María Elena Walsh, Laura Devetach e Elsa Bornemann. Tais autoras, junto a muitos outros, enfrentaram a censura e a perseguição por meio de suas palavras, consideradas subversivas e perigosas para o regime militar argentino.

Conforme ressaltado por Puiggrós (2003, p.43), é relevante o fato de que “los niños” que tiveram contato com Mafalda, personagem dos quadrinhos do Quino, durante a década de 60 foram os mesmos que, na década seguinte, deram voz a novas personagens na literatura. Ao criar Mafalda, Quino a transformou em um símbolo do pensamento crítico. É importante lembrar que, apesar de ser uma personagem infantil representando a inocência e a curiosidade, ela foi criada para refletir sobre questões presentes no mundo real, abordando preocupações pertinentes às pessoas adultas. Isso demonstra a influência duradoura de Maria Helena e suas obras, que já na década de 60 estavam inovando a literatura infantil e influenciando diretamente as gerações subsequentes de escritores e artistas.

A literatura infantil durante a ditadura militar na Argentina, diferentemente do que ocorreu no Brasil, desempenhou certo protagonismo, como no caso do desaparecimento de livros ocorrido no período. Conforme Hernán Invernizzi e Judith Gociol (2002, p.49), "El caso de obras (libros, películas) evidencia que la tendencia general era la de ejecutar esa acción represiva por medio de normas públicas como decretos." Durante esse período, os livros publicados, independentemente do gênero a que pertenciam, constituíram um conjunto de memórias, tanto dentro quanto fora do imaginário, e essas lembranças do passado ecoaram de forma simbólica na literatura.

No entanto, vale ressaltar que, devido à utilização da literatura para promover o nacionalismo durante o regime, os livros de autores infantis, incluindo Bonermann, foram considerados materiais subversivos, perigosos e potencialmente nocivos para as crianças, segundo a perspectiva do governo argentino. Nas palavras de Beatriz Alcubierre Moya: “Es evidente que un interés obsesivo por la infancia recorrió a los gobiernos totalitarios, que se empeñaron en controlar la literatura infantil. Pero este control obsesivo de las conciencias se extendió al mundo de los adultos, que serían tratados también como menores de edad”. (RIVERO FRANYUTTI et al., 2016, p.36). Essa dualidade na abordagem da literatura infantil durante o período reflete as complexidades da literatura argentina e sua relação com a política.

A escrita inovadora e renovadora que surgiu inspirada nesse contexto foi especialmente bem explorada por Elsa Bonermann, que desempenhou um papel fundamental na consolidação da literatura infantil no cenário literário, tanto nacional quanto internacional. Desde sua juventude, a autora ingressou no mercado literário de forma criativa, transformando a literatura em um meio para expressar sua criatividade e sua visão de mundo, que transitava do imaginário para o real. Isso não implica que a autora tenha vivido na fantasia, mas sim que a fantasia carregava consigo símbolos e significados que se sobrepujavam à realidade. Os leitores, ao se depararem com suas obras, podiam se identificar e se reconhecer por meio de uma leitura criada

dentro do universo da fantasia.

A autora foi uma renomada escritora argentina que dedicou sua vida a criar histórias que misturavam realidade e fantasia, com ênfase na crítica social e política. Em particular, suas obras para crianças e jovens ganharam grande popularidade na Argentina e em outros países de língua espanhola. Nasceu em Buenos Aires em 1952 e cresceu em uma família de classe média alta. Ela estudou psicologia na Universidade de Buenos Aires, mas abandonou o curso para se dedicar à escrita. Sua carreira literária começou em meados da década de 1970, quando ela publicou seus primeiros livros para crianças. Bornemann deixou um legado literário importante para a literatura infantil e juvenil. Ao longo de sua carreira, a autora escreveu mais de trinta livros, muitos dos quais se tornaram clássicos da literatura infantil argentina. Seus livros abordavam temas importantes como amizade, respeito, tolerância, diversidade e foram muito populares entre as crianças e jovens do país. Elsa também era reconhecida por sua habilidade em misturar diferentes gêneros literários, como comédia, suspense e mistério, em suas histórias. Ela foi considerada uma escritora inovadora na literatura infantil e juvenil da América Latina, que trouxe uma nova forma de escrever e se comunicar com as crianças e jovens. Recebeu muitos prêmios ao longo de sua carreira, incluindo o Prêmio IBBY (International Board on Books for Young People) em 1994, um dos mais importantes prêmios de literatura infantil do mundo, pelo livro "El Espejo Distraído". Além disso, ela foi indicada várias vezes para o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil. Elsa Bornemann faleceu em 2013, aos 61 anos de idade, deixando um legado importante na literatura infantil e juvenil da Argentina e do mundo. Seus livros continuam a ser lidos e apreciados por crianças e jovens e sua obra é considerada uma das mais importantes e influentes da literatura infantil latino-americana⁶.

A autora, juntamente com outros artistas de seu tempo, vivenciou o golpe militar em seu país e sofreu com as consequências da opressão “Un ejemplo es el ingreso del tema de la violencia política y de ahí se desprende la pregunta sobre cómo participan los autores de la transmisión del pasado” (GARCIA, 2015, p,140). Os artistas eram vigiados por qualquer motivo aparente. A repressão causou rupturas no âmbito cultural e o extermínio físico de pessoas que demonstrasse alguma forma de aversão ao governo. No entanto, através de sua arte, encontraram uma maneira de resistir e de lutar pela liberdade e pela democracia.

O livro *Un elefante ocupa muito espaço* é um exemplo notável da resistência literária e da capacidade da literatura infantil de servir como ferramenta de questionamento e crítica em

⁶MINISTÉRIO DA CULTURA ARGENTINA. Elsa Bornemann. Op. cit., Acesso em: 20 mar. 2022.

meio a um ambiente político repressivo. A escrita de Bornemann foi influenciada pela sua experiência pessoal durante o período de instabilidade política e deixou uma marca profunda em sua vida. Ao analisarmos suas histórias escritas, percebemos uma forte conexão com o contexto político e social da época. Sua escrita, permeada pela realidade e fantasia, é uma forma de resistência e crítica social, representando uma voz importante na luta por liberdade e justiça.

Devido à sua narrativa instigante, foi um dos alvos da intolerância da ditadura militar argentina em relação a qualquer forma de expressão cultural que pudesse "ameaçar" a estabilidade política do governo. Como Tais Xavier Carvalho (2021, p. 55) destaca, "Desde o início do governo militar, certas obras infantis foram banidas em nome da proteção da educação infantil". O governo militar temia que as crianças em formação intelectual se tornassem futuros ativistas políticos.

Um exemplo da intensidade do controle governamental é o caso de Elsa Bornemann. Quando a autora publicou o livro infantil de contos *Un elefante ocupa mucho espacio*, em 1975, a obra teve uma recepção extremamente positiva, chegando a fazer com que ela fosse a primeira escritora argentina a fazer parte da lista de honra do prêmio Hans Christian Andersen. CARVALHO et al. 2021, p.56)

O reconhecimento internacional de Bornemann não a protegeu da censura a longo prazo, uma vez que as obras de autores e autoras estavam sujeitas a mudanças abruptas em sua aceitação oficial, dependendo das necessidades do regime. A autora vivenciou em primeira mão as pressões e desafios impostos aos autores pela censura e sua obra se tornou um reflexo das tensões e inquietações desse período conturbado da história Argentina. Em um depoimento Elsa declara:

"Durante seis meses não consegui escrever. Depois desse período, compus o romance intitulado *Bilem bam budin* ou *O Último Mago*, publicado em depois pelo Editorial Fausto – e daí continuei com a escrita, *Contra todas as probabilidades*. Mas a proibição afetou particularmente meu relacionamento com existência. Principalmente pelo grande número de pessoas que diziam me apreciar, me amar e que foram completamente apagados por causa do decreto militar. Devido à sua extensão arbitrária, fui proibido de acesso a qualquer estabelecimento de ensino público (de qualquer lugar da Argentina e em qualquer nível) até o fim da ditadura".(**Un golpe a los libros** (1976-1983) - *Imaginaria* No. 48 - 4 de abril de 2001. Disponível em:< <https://www.imaginaria.com.ar/04/8/prohibidos.htm>>. Acesso em: 04 mai. de 2023.)

O caso de Elsa Bornemann e seu livro *Um Elefante Ocupa Muito Espaço* lança luz sobre a intensidade do controle governamental durante o regime militar na Argentina. Mesmo no contexto específico da literatura infantil, ela denunciou a violência e a repressão impostas durante o regime militar a grande número de pessoas que a apreciaram e a amaram, mas que foram completamente apagadas devido ao decreto militar. Neste contexto de censura e restrições à liberdade de expressão, *Um Elefante Ocupa Muito Espaço* desafiou as ideologias impostas pelo regime argentino, abrindo caminho para uma abordagem literária que, de maneira acessível às crianças e jovens leitores, proporcionou uma plataforma para a expressão criativa e a crítica social.

Essa instabilidade demonstra como o governo controlava a produção cultural e como os artistas e escritores viviam sob a constante ameaça de censura e perseguição. O caso de Elsa Bornemann é um exemplo vívido de como a arte e a literatura foram moldadas e limitadas pelas condições políticas repressivas da época. A história publicada em um livro com o mesmo nome, junto com outros contos que compõem a obra, nas palavras de Carvalho et al. (2021), foram alvo de censura porque apresentavam aos leitores uma representação da realidade. O livro "Um elefante ocupa muito espaço" foi publicado originalmente na Argentina em 1975, e em 1976 foi censurado pelo governo militar da época, que considerou a obra subversiva e uma ameaça ao regime.

O livro foi retirado das livrarias e bibliotecas e proibido de ser vendido ou distribuído em todo o país; sua mensagem crítica e subversiva foi uma forma de denunciar os abusos e excessos cometidos pelo governo "Logo, os contos de Bornemann foram censurados justamente por revelar aos seus leitores uma representação da realidade que não coincidia com aquela propagada pelo regime ditatorial" (CARVALHO, et al., 2021, p.57). Por conta disso, resultou na proibição da sua publicação pela Editora Libérias Fausto.

O livro é considerado uma crítica ao regime autoritário da Ditadura Militar na Argentina, que também era caracterizado pela ocupação desproporcional do espaço social e político pelos militares e pelo governo. Além disso, aborda questões de opressão, intolerância e autoritarismo, mostrando como esses problemas afetam não apenas os adultos, mas também as crianças. Para entender a esfera política e social do regime autoritário militar estabelecido na Argentina e sua conexão com a literatura infantil, é preciso examinar como os personagens fictícios se relacionam com os valores éticos estabelecidos pela sociedade.

Ao analisarmos o ano em que "Um elefante ocupa muito espaço" foi publicado junto com outros contos de Bornemann, fica claro que a obra não somente se inspira no movimento intelectual que se opunha ao autoritarismo, mas também possui uma relação estreita com a

liberdade de expressão. O conto transita entre a realidade e a fantasia, e, considerando o período em que foi escrito, apresenta um registro que retrata a ditadura por meio de metáforas e signos, o que possibilita a denúncia dos excessos perpetrados pelo regime militar.

A estrutura narrativa do conto segue um padrão linear, apresentando um conflito, desenvolvimento e resolução. No centro da narrativa está Vítor, o elefante, que simboliza a voz da resistência. A narrativa se vale de elementos fantásticos, como animais que falam, e adota um narrador onisciente, contribuindo para a atmosfera única do conto. Isso permite que o leitor mergulhe na história e compreenda as motivações e perspectivas dos personagens. Além disso, a análise historiográfica pode considerar a relevância contemporânea do conto.

A história gira em torno de Vítor, um elefante de circo, e outros animais do circo que decidem fazer uma greve geral. Eles protestam contra as condições de cativeiro, o trabalho forçado e as humilhações a que são submetidos pelos humanos. Vítor convence os outros animais a aderirem à greve e nomeia o papagaio como seu intérprete para se comunicarem com os humanos. Eles se recusam a voltar às suas jaulas e começam a treinar os humanos para executarem truques e tarefas de animais, como andar de quatro patas e saltar por arcos de fogo. O dono do circo e os domadores tentam resistir, mas os animais provam ser mais fortes e habilidosos. O papagaio, como porta-voz, apresenta as demandas dos animais: serem enviados de volta para suas selvas na África ou criar um circo de "homens animalizados" para entretenimento de gatos e cães. Finalmente, o dono do circo aceita a derrota e contrata aviões para transportar os animais de volta à África, com exceção de Vítor, que precisa de um avião inteiro devido ao seu tamanho.

Uma análise mais aprofundada pode se concentrar em como os personagens representam arquétipos ou atitudes humanas em relação à liberdade e à resistência. Questões relacionadas aos direitos civis, os abusos causados pelos governantes argentinos, exploração e resistência durante a ditadura militar continuam sendo temas pertinentes na sociedade atual. Portanto, o conto ecoa questões sociais mais amplas, mantendo sua relevância ao longo do tempo.

Inicialmente, a censura imposta à história de Vítor pode ser atribuída ao fato de ela abordar uma greve de animais de circo. Mesmo que o livro tenha sido lançado um ano antes do golpe, a discussão de greves durante o período da ditadura era estritamente proibida e considerada perigosa. A persistência em tratar de um tema tão sensível levava à prisão, execução ou até mesmo ao desaparecimento das pessoas envolvidas. Além disso, o livro fazia parte de um conjunto de obras consideradas subversivas, que eram vistas como uma ameaça à moral e aos bons costumes, exacerbando ainda mais a repressão exercida pelo regime

autoritário.

Marcos Novarro e Vicente Palermo (2007) em seu livro sobre a ditadura militar descrevem com uma riqueza de detalhes os momentos mais sombrios do regime na Argentina. Quando os autores se referem às greves, destacam que essas e outras formas de manifestação eram prontamente reprimidas pelo governo, que contava com um exército clandestino atuando nas sombras e propagando o terror.

O exército utilizava-se de táticas de divisão e controle para enfraquecer a oposição e garantir sua própria permanência no poder. Além disso, a menção de "represálias e perseguições orquestradas pelos patrões" destaca a colaboração de setores da elite empresarial com o governo militar, o que é um aspecto importante da ditadura argentina. Esse apoio da classe empresarial às ações repressivas do regime contribuiu para a perpetuação do autoritarismo. A vigilância e controle eram parte integrante da estratégia do regime militar para conter qualquer forma de oposição.

No contexto desse debate sobre a ditadura argentina, essa conexão entre a estratégia de subversão literária e a realidade da ditadura argentina enfatiza como a literatura e a cultura desempenha um papel importante na preservação da memória e na resistência contra os regimes autoritários.

Así pues, una de las primeras estrategias de subversión que se observan en el cuento de Bornneman es la intertextualidad: la relación de parentesco-complicidad que, desde el título mismo, establece con otros textos que en distintos niveles pueden entenderse como subversivos. Al retomar al elefante, nuestra autora apela a una serie de nociones y símbolos preexistentes, asociados a la narrativa en torno a la memoria y la resistencia a la violencia política. (RIVERO FRANYUTTI et al., 2016, p.30-31)

A história “Um elefante ocupa muito espaço” provoca uma reflexão sobre a grandeza e imponência do personagem Vitor ao ressaltar sua capacidade. Nesse contexto, a metáfora utilizada aborda a necessidade de desafiar as normas e limitações impostas pela sociedade, especialmente durante períodos de opressão, como a ditadura militar.

Que um elefante ocupa muito espaço, já todos sabemos. Mas o que muitos não sabem é que Vitor, um elefante de circo, resolveu uma vez pensar “à elefante”, isto é, teve uma ideia tão grande como o seu corpo... Por isso eu vou contá-la. (BONERMAN, 2002, p.12)

A autora nos convida a considerar a força de Vitor, o elefante de circo, e a importância

de adotar uma abordagem "à elefante" no mundo, onde desafiar o convencional pode ter consequências. No mundo real, é comum observar um animal que, apesar de seu tamanho imponente, parece inofensivo devido ao adestramento e à submissão às ordens de seu dono. Reconhecer a necessidade de espaço e autonomia na vida do elefante nos leva a refletir sobre como, muitas vezes, a busca por liberdade e autonomia é fundamental, não apenas para os animais, mas também para as pessoas em sociedades onde a repressão, como na ditadura militar, é uma realidade.

O reconhecimento da sua própria consciência e importância o leva a mudar o rumo de sua própria história. Isso pode ser relacionado ao que acontece no mundo real, quando alguém reconhece seu lugar de fala em um ambiente hostil e perigoso, como é o caso da ditadura militar. Outra consideração a ser feita tem relação à analogia do "elefante no meio da sala". Ou seja, um problema a ser ignorado, mas não invisível. É comum que, quando um evento óbvio é ignorado, as pessoas se refiram a ele como "o elefante na sala," indicando que a situação é evidente, mas muitos optam por ignorá-la ou não lidar com ela.

O uso do elefante como símbolo evoca noções relacionadas à narrativa da memória e da resistência à violência política. Beatriz Alcubierre Moya (2016, p.32) remete ao uso metafórico da "fauna circense" por meio da qual o autor procura fazer com que o leitor infantil se identifique. Essa intertextualidade pode ser vista como uma forma de resistência literária contra o autoritarismo, onde a história do elefante e seu simbolismo refletem as lutas e desafios enfrentados em tempos de repressão.

Na história, o elefante, foi reconhecido por sua habilidade em organizar a greve, visando o retorno ao seu ambiente natural, seu verdadeiro território. O personagem demonstra consciência de seu ambiente e de seu lugar de origem, sendo capaz de argumentar de maneira convincente sobre a importância de respeitar a natureza quando questionado.

O risinho do elefante espalhou-se na escuridão da noite como pedacinhos de papel.

— Ah, o rei dos animais é o homem, companheiro, principalmente aqui, tão longe das nossas selvas...

— De que te queixas, Vítor? — interrompeu um pequeno urso, gritando da sua prisão. — Não são por acaso os homens quem nos dá abrigo e comida?

— Tu nasceste aqui no circo... — respondeu-lhe Vítor docemente. — A mulher do tratador criou-te a biberão... Só conheces o país dos homens e não podes entender, ainda, a alegria de se ser livre...(BONERMANN, 2001, p.12-13)

Os animais do conto representam uma crítica àqueles que restringem e violam seus direitos, percebendo que sua autonomia foi retirada sem sua permissão violando a liberdade. “E aí ele explicou aos companheiros que eles eram prisioneiros... que trabalhavam para o dono do circo e encher os bolsos de dinheiro... que eram forçados a imitar os homens... que não deviam tolerar mais humilhações.” (BORNERMANN, 2001, p.13) Nesse contexto, a narrativa de Bornemann pode ser considerada como parte de uma busca coletiva por significado, cujo objetivo principal é atualizar as normas anteriormente vigentes na ficção infantil.

En este contexto, la narrativa de Bornemann puede entenderse como partícipe de una demanda colectiva de sentido, cuyo objetivo primordial consiste en actualizar las reglas hasta entonces imperantes en el ámbito de la acción para niños. Para ello, nuestra autora echa mano de diversas estrategias subversivas, que señalaré enseguida, haciendo referencia al caso específico del cuento “Un elefante ocupa mucho espacio”, publicado por primera vez en 1975. (RIVERO FRANYUTTI et al., 2016, p.29)

No contexto das diversas discussões sobre os direitos suprimidos pelos militares e a necessidade de compartilhar a memória do regime para evitar abusos semelhantes no futuro, a história desafia as normas e expectativas convencionais, especialmente no contexto da época em que foi escrita. No entanto, ao compará-la com a realidade durante a ditadura na Argentina, percebemos que possui características próprias moldadas através de sua cultura e política. De acordo com Marcos Novarro e Vicente Palermo:

Durante a ditadura, muitas pessoas tiveram suas liberdades restringidas e foram privadas de suas escolhas e vontades pessoais. A modalidade repressiva facilitou uma interpretação que, em essência, delimitava a “condição subversiva”, permitindo resolver a incerteza sobre si o castigo poderia recair sobre qualquer um. (NOVARRO, PALERMO, 2007, p.174)

Na Argentina, a repressão sobre greves e movimentos sociais se assemelhava a um controle político e ideológico, no sentido de criar um sujeito dócil e obediente. No entanto, através de uma revolta pacífica, Vítor convence seus companheiros animais a se rebelarem contra as condições de cativeiro e exploração impostas pelo dono do circo. Inspirados pela ideia de Vítor, os animais decidem não mais realizar apresentações para o público e pedem sua liberdade de volta, desafiando as normas de repressão e buscando uma transformação no status quo.

Nessa tarde, as pessoas aglomeraram-se diante das bilheteiras. Encontraram-nas fechadas, com grandes cartazes que diziam: CIRCO TOMADO PELOS TRABALHADORES. GREVE GERAL DE ANIMAIS.

Entretanto, Vítor e os seus companheiros procuravam treinar os homens.

— Caminhem em quatro patas e depois saltem pelo meio destes arcos de fogo! Mantenham-se em equilíbrio, de pernas para o ar, e apoiados sobre a cabeça!

— Não usem as mãos para comer! Zurrem! Miem! Ladrem! Rujam!

— BASTA, POR FAVOR, BASTA! — gemeu o dono do circo ao concluir a sua volta número duzentos em redor do recinto, a andar sobre as mãos. — Damo-nos por vencidos! O que é que querem? (BONERMANN, 2001, p.17)

Ao contrário do que se aplicava durante o regime militar, que estabelecia normas rígidas para manter-se no poder, o livro mostra uma tentativa de construir novos padrões baseados na aliança da classe subalterna. Proposto pelos governos militares, o controle político e ideológico era limitado à doutrinação e à formação de uma classe de trabalhadores preparados para fortalecer o crescimento. Os diálogos entre os animais e o dono do circo desempenham um papel eficaz na transmissão das ideias e na construção do enredo. O papel do papagaio como intérprete é fundamental para a comunicação entre as partes a fim de dar um basta na situação.

O papagaio pigarreou, tossiu, bebeu uns goles de água e pronunciou então o discurso que o elefante lhe havia ensinado:

— ... Isto assim não, e aquilo também não, e aqueloutro nunca mais, e não é justo, e assim e assado... porquê... ou nos enviam de volta para as nossas selvas... ou inauguramos o primeiro circo de homens animalizados, para divertimento de todos os gatos e cães da vizinhança. Disse. (BONERMANN, 2001, p.17)

Através dessas interações, os personagens expressam suas atitudes em relação à exploração, resistência e liberdade. Esse desfecho ressalta a reflexão sobre a ideia de que todos merecem viver em liberdade, independentemente de sua origem. A história, de forma simbólica, ilustra como a comunicação e a expressão podem ser cerceadas e distorcidas quando um poder autoritário está no controle. Assim como o elefante Vítor, é importante que as pessoas sejam capazes de pensar e agir de acordo com suas próprias ideias e vontades, sem serem submetidas a restrições injustas.

Na perspectiva do regime militar, o conto questiona o tratamento a que a população passa a ser submetida: falta de diálogo, alienação e ameaças compõem a crise social e política

no país. “Em uma ampla anestesia das consciências morais, muitos queriam que a violência terminasse, que se restabelecesse seu monopólio público, estavam dispostos a aceitar primeiro importante de violência ilegal para que isso fosse obtido”. (NOVARRO e PALERMO, 2007, p.168). No contexto da Argentina durante o regime militar, as manifestações levaram ao desaparecimento de muitas pessoas que se expuseram contra o regime, criando um ambiente de repressão e silenciamento.

Caminhando para um “final feliz”, a história leva seus personagens ao encontro da liberdade por eles conquistada a partir de movimento e organização. Essa busca pela “refundação democrática” apontada por Novarro e Palermo (2007), implicava não apenas uma mera rendição das práticas anteriores, mas sim em um corte definitivo em relação às décadas de instabilidade institucional e pretorianismo militar.

O processo, que havia se proposto terminar com os ciclos pendulares de governos militares fortes e governos civis fracos, se aproximava, ainda que por uma via inesperada, deu um resultado bastante satisfatório: a decomposição do poder militar estimularia nos atores políticos mais perspicazes e, graças à sua influência, em amplos setores da sociedade, a aspiração de conseguir uma refundação democrática que não implicasse numa mera rendição de transistores e saídas anteriores, e sim num corte definitivo em relação às décadas de instabilidade institucional e de pretorianismo militar. (NOVARRO e PALERMO, 2007, p. 615)

Relacionando isso à sua primeira frase, a história que levou os personagens ao encontro da liberdade e organização pode ser vista como uma metáfora para a busca pela liberdade na Argentina, que foi conquistada a partir do movimento e organização em prol da refundação democrática. Isso nos lembra de que os movimentos de protesto frequentemente abrigam uma ampla camada de perspectivas e atitudes tomada pelos civis. Assim, o "final feliz" na história dos personagens poderia ser associado ao fim da ditadura militar na Argentina, no qual a decomposição do poder militar desempenhou um papel crucial ao estimular as aspirações por uma democracia verdadeira e estável, representando um corte definitivo com o passado de instabilidade institucional e intervenção militar.

Naquele fim de semana, a televisão transmitiu um espetáculo insólito: no aeroporto, cada um levando o seu correspondente bilhete de passagem nos dentes (ou seguro no bico, no caso do papagaio), todos os animais se puseram em fila ordeiramente em frente da porta de embarque com destino a África. É claro que o dono do circo teve de contratar dois aviões: não viajaram os tigres, o leão, os orangotangos, a foca, o pequeno urso e o papagaio. (BONERMAN,

2001, p.17)

Ao mesmo tempo em que é leve e divertida, a história é profunda e tocante, trazendo provocações e questionamentos sobre as normas sociais e culturais. Como é percebido em seus personagens, ao desempenharem seu papel na trama. É interessante observar como cada animal antropomorfizado representa diferentes atitudes e perspectivas humanas: Vítor, o elefante, emerge como o líder da resistência, enquanto os demais animais representam uma variedade de posições em relação à exploração e à busca por liberdade. A autora reproduz a sua história por meio das características do conto como também do momento em que estava sendo vivenciado.

Posiblemente sea con la obra de Elsa Bornemann que se popularizó por primera vez en Argentina la figura del autor consagrado a escribir para niños. Esto es: la idea de que los libros para niños son sobre todo productos culturales fruto del trabajo creativo de un escritor. En los años posteriores a la dictadura, sus libros circularon ampliamente en el ámbito escolar tanto como en el extraescolar, reintegrándose al canon del que habían sido arrebatados. No es de extrañar que el libro de Bornemann, y el de Devectah, hubieran sido censurados por el régimen militar videlista. Primero, porque la prohibición y la arbitrariedad son recursos propios de todo sistema totalitario, cuya arma más poderosa es el miedo, antes que la fuerza. Por ello estos sistemas represivos emplean medidas atrabiliarias y absurdas para ejercer el poder a través del terror. La censura es entonces más un gesto disuasivo que un castigo en sentido estricto. (RIVERO FRANYUTTI et al., 2016, p.37)

Nesse contexto é que a literatura e a cultura têm o poder de desafiar regimes autoritários, questionar normas estabelecidas e inspirar o pensamento crítico. O combate a essas obras reflete a natureza repressiva do regime, que via as ideias como uma ameaça e buscava manter o controle sobre a sociedade através do medo e da censura.

Diante dos crimes cometidos pelos governos militares, se presa pela necessidade de valorizar a memória coletiva e de se opor a qualquer tentativa de apagar ou esquecer a história recente de uma sociedade que sofreu e ficou marcada pela ditadura. “- ... De modo que isso não, aquilo também não, aquilo outro nunca mais, e não é justo,” (BORNEMANN, 2001, p.17). Em face dos crimes cometidos pelos governos militares, é imperativo pensar no "elefante na sala", ou seja, encarar as atrocidades que ocorreram durante esse período sombrio da história. Nesse contexto, é fundamental valorizar a memória coletiva e se opor a qualquer tentativa de apagar ou esquecer essa história recente que deixou cicatrizes profundas na sociedade. Como Elsa Bornemann nos lembra em sua citação, é necessário dizer "não" a qualquer tentativa de minimizar ou justificar o passado sombrio, porque isso não é justo.

Mesmo quando censuradas, essas obras podem continuar a influenciar as pessoas e a sociedade, eventualmente encontrando seu lugar no cânone cultural, como uma forma de

resistência e expressão da liberdade. No entanto, a história de Bornemann não se rendeu à censura. Ela continuou como um ato simbólico circulando, e eventualmente foi reintegrada ao cânone literário do país. Preservar a memória coletiva e lembrar as injustiças é essencial para garantir que tais eventos não se repitam no futuro.

A sociedade deve aprender com o passado e usar a lembrança dos horrores da ditadura como um lembrete constante de que a proteção dos direitos humanos e a defesa da democracia são fundamentais para uma sociedade justa e livre. Portanto, encarar o "elefante na sala" é um ato de responsabilidade social e um compromisso com a justiça e a verdade. Isso ilustra a resiliência da cultura e da literatura, que podem resistir à opressão e persistir ao longo do tempo. Até porque agora fica evidente como a história explica: "... porque todos sabemos que um elefante ocupa muito, muito espaço..." (BONERMANN, 2001, p.18).

CONCLUSÃO

As histórias aqui analisadas, *História meio ao contrário*, (1977), de Ana Maria Machado e o conto *Un elefante ocupa mucho espacio* (1975), de Elsa Bonermann, são exemplos de como a literatura infantil pode ser uma ferramenta poderosa para promover a reflexão crítica sobre a realidade vivida nos anos de chumbo. Buscamos abordar as possibilidades de resistência às ditaduras militares no Brasil e na Argentina por meio das narrativas presentes na literatura infantil, destacando como as autoras Elsa Bornemann e Ana Maria Machado encontraram maneiras de resistir e criticar o regime autoritário por meio de suas palavras.

Além de serem uma fonte de entretenimento, as histórias infantis podem ensinar valores importantes e fornecer perspectivas sobre temas complexos, como política e direitos humanos. Nesse contexto, a literatura infantil pode ser vista como uma ferramenta poderosa para promover a reflexão crítica sobre a realidade. Os textos distintos retratam os países com suas feridas abertas. A *História Meio ao Contrário*, de Ana Maria Machado, descreve um personagem ditador por meio da narrativa em busca de conquistas populares e democráticas. Já a obra *Un elefante ocupa mucho espacio*, de Bornemann, desafia as normas e expectativas convencionais, especialmente no contexto em que foi escrito, abordando questões de opressão, resistência e a importância da liberdade.

A literatura infantil serviu como uma ferramenta de questionamento e crítica em um ambiente político repressivo, refletindo a luta por liberdade e justiça. A análise ressalta a conexão entre histórias infantis e a resistência à violência política, destacando a relevância contínua dessas narrativas na sociedade atual, à medida que preservam a memória e promovem a conscientização sobre os abusos passados. Dito isso, quando flerta com a realidade, exerce impacto no mundo que habitamos tornando-se mais do que um meio de contar histórias para crianças. É uma ferramenta que, dialogando com a imaginação e a realidade, proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, culturais e históricas.

Pesquisando obras específicas produzidas entre as décadas de 1960 e 1980, exploramos a relação entre narrativas infantis e eventos históricos, destacando os desafios enfrentados devido à censura. No Brasil, a literatura infantil prosperou apesar das restrições, desempenhando um papel vital na resistência à opressão e contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico. Já na Argentina, onde a censura foi mais intensa, a literatura infantil também desempenhou um papel crucial na resistência, transmitindo valores

e ideias em meio a um ambiente repressivo.

A transformação desse gênero está entrelaçada com a instituição de ensino, formação cultural e identidades nacionais, apesar de refletir estereótipos ultrapassados. Desde as influências coloniais até os regimes autoritários, ambas as nações buscaram moldar a educação e a produção literária para atender a diferentes agendas políticas e sociais. A evolução da literatura infantil, inicialmente voltada para a transmissão de valores e moral, passou por fases de expansão educacional, sendo instrumentalizada como ferramenta de doutrinação em determinados momentos. Porém na década de 1970 começou a transcender suas origens moralizadoras.

Essa expansão não apenas abrange a diversificação dos temas abordados, mas também representa uma resistência contra visões limitadas e doutrinárias do passado. As palavras, por meio de metáforas e narrativas envolventes, tornam-se agentes de resistência, desafiando normas e preconceitos, proporcionando às crianças um acesso mais amplo a perspectivas e possibilidades. A literatura infantil contemporânea busca não apenas entreter, mas também desafiar as mentes jovens, incentivando a criatividade e o pensamento crítico. As narrativas de Ana Maria Machado e Elsa Bornemann destacam-se como testemunhos poderosos da capacidade da literatura infantil em resistir e criticar regimes autoritários.

Essas obras não apenas preservam a memória coletiva, mas também oferecem uma profunda reflexão sobre as injustiças vividas durante os anos de ditadura. Ao encarar o "elefante na sala", esses textos não apenas ocupam espaço literal na literatura, mas também um espaço crucial na preservação da verdade histórica social. Assim, as palavras que ocupam muito espaço na literatura infantil contemporânea se tornam não apenas veículos de histórias, mas também instrumentos poderosos de mudança e esperança.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ARGENTINA. **Decreto nº 3155-1977**. Livros “Un elefante ocupa mucho espacio” de Elsa I. Bornemann y “El Nacimiento, los niños y el amor” de Agnés Rosenstiehl; prohibición de su distribución, venta y circulación; clausura transitoria de Ediciones Librerías Fausto. Buenos.
- ARPES, Marcela. Notas Sobre La Emergencia De Un Territorio Textual Y Simbólico: La Literatura Infantil Argentina Como Género De Masas. In: **III JORNADAS DE POÉTICAS DE LA LITERATURA ARGENTINA PARA NIÑ@S** 3. ed. La Plata, 2011. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Disponível em:
 <<http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/61475>>. Acesso em: 12/01/2021.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC; Guanabara Koogan, 1981.
- BARÃO Marach, C. O gigante adormecido: A utopia republicana na imprensa liberal do final do século XIX. **Revista de Estudos de Cultura**, v. 2, n. 17, p. 67-80, 2022.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BICICGO, Cleber. A indústria de livros no Brasil durante a ditadura militar e um caso crítico. **Cadernos do CEOM**, Santa Catarina, ano 26, n. 39, p. 55-72, 2013.
- BONERMANN, Elsa. **Um elefante ocupa muito espaço – e outros contos**. Trad: Monica Stahel. Martins e Fontes, São Paulo. 2001.
- BOSI. Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- CARVALHO, Taís Xavier et. al. Ana Maria Machado y el compromiso literario: A literatura infantil nos contextos ditatoriais argentino e brasileiro – Uma análise de “El año verde”, de Elsa Bornemann, e Era uma vez um tirano, de Ana Maria Machado. In: **II CONGRESO INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEÑA**, 2. ed., 2021, Salamanca. Libro de actas del II Congreso Internacional de Literatura Brasileña. Salamanca: Colibra, 2021. v. 2. p. 51-64. XV Encontro Internacional da ANPHLAC448
- CHARTIER, R. Debate, literatura e história. **Topoi**, Rio de Janeiro, nº 1, 2000, pp. 197-216.
- CHIAPPINI, Ligia. História e literatura - Notas sobre as relações entre estudos literários e historiográficos. **Revista Literatura e sociedade**, São Paulo, v. 5, n. 5, pp. 19-28, 2000.
- CICONE, Reinaldo Barros. MORAES, Leandro Eliel Pereira. **História da educação**. Londrina. Educacional S.A. 2016. 244p.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil / juvenil**. São Paulo: Ática 1991.

DEVIDES, Michelle, Mittelstedt. **Aspectos da obra de arte e do mercado editorial na literatura infantil: Uma análise de o menino que vendia palavras, de Ignácio de Loyola Brandão**, Pará, v.12. n.12, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/2093>>. Acesso em: 28/08/2022.

COUTINHO, Eduardo. F. **Literatura comparada na América Latina.- Ensaio**. Rio de Janeiro, UERJ. 2003

FERRI, Daniara Zampiva. **Máquina de fazer silêncios: O reflexo da censura nas bibliotecas e na produção literária da Argentina durante o Golpe Militar de 1976**. Porto Alegre, 2017. 82f. Trabalho de conclusão de curso (Biblioteconomia) Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Companhia das Letras, São Paulo. 2006.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

IBGE. (2010). **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf IBGE. Acesso em: 20/12/2022

INDEC. (2013). **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas 2010: Resultados definitivos**. Instituto Nacional de Estadística y Censos. Disponível em [://www.indec.gob.ar/ftp/cuadros/poblacion/censo2010_tomo1.pdf](http://www.indec.gob.ar/ftp/cuadros/poblacion/censo2010_tomo1.pdf). Acesso em: 20/12/2022

INVERNIZZI Hernán. GOCIOLO J. **Un Golpe a Los Libros: Represión a La Cultura Ante La Última Dictadura Militar**. Ciudad de Buenos Aires: Eudeba; 1ª ed. 2002.

KUHLMANN, Jr, Moisés. **Infância educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação. 5ª ed. 2010.

LAJOLO, Mariza. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. São Paulo. Ática. 6ª ed.2007

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente - Conversas sobre a literatura e política**. São Paulo: Ática, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B8Ep6YYjOeLUU1wRUw4VHdxOFU/view?resourcekey=0EsyspbCrUrO0eHhAtNPBvg>. Acesso em: 22 dez. 2023.

MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

MENDONÇA, Sonia, R. FONTES, Virginia, M. História do Brasil Recente 1964-1992. Editora Ática. São Paulo. 2004 4ª ed.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3ª. ed. São Paulo: Summus, 1979. 119 p.

NAPOLITANO, Marcos. **O regime militar brasileiro: 1964-1985**. 4. ed. São Paulo: Atual 1998.

PADRÓS, Enrique, Serra. Memória e Esquecimento das Ditaduras de Segurança Nacional: Os Desaparecidos Políticos. **História em Revista**, Rio Grande do sul, v. 10, 2004.

PADRÓS, Enrique Serra. Ditaduras, Segurança Nacional e Terror de Estado. **Revista História e Luta de Classes**, n.4, p. 43-49, jun.2007

PADRÓS, Enrique, Serra. Terrorismo de estado e luta de classes: repressão e poder na América Latina sob a doutrina de segurança nacional. In: **ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – São Leopoldo, 2007.

PORTUGUÊS-UEM, L.; COMPLETO, V. M. P. **Era uma vez**. Disponível em: <<https://eraumavezuem.blogspot.com/2012/09/analise-critica-de-historia-meio-ao.html>>. Acesso em: 23 nov. 2023.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América latina. **Revista de História**, São Paulo, v.2, n.153, p. 11-33, dez. 2005.

PUIGGRÓS, Adriana. **Que passo em la educación argentina: breve historia desde la conquista hasta el presente**. Buenos Aires. Galerna. 2003.

RIVERO FRANYUTTI *et al.* **Perspectivas del análisis del discurso en un cuento infantil**. Cuernavaca: Universidad Autónoma del Estado de Morelos, 2016.

ROMANELLI, Otáisa de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/ 1973)**. Minas Gerais Vozes. 8ª ed. 1986.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTIAGO, Silvano. **Uma Literatura nos Trópicos: Ensaio sobre a dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2ª ed., 2000.

SCHAVELZON, Guillermo. **Elsa Bonermann** Disponible em: <<https://elsa-bornemann.com/wp/biografia/>>. Acesso em: 05 de junho de 2022

UN GOLPE A LOS LIBROS (1976-1983) - Imaginaria No. 48 - 4 de abril de 2001. Disponível em:< <https://www.imaginaria.com.ar/04/8/prohibidos.htm>>. Acesso em: 04 mai. de 2023.

VIGOTSKI, L. S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. In. VIGOTSKI, L. S. A. Revista virtual de gestão de iniciativas sociais. 2008, p. 23-36. Pdf

ZILBERMAN. Regina. **Como e porque ler a literatura infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

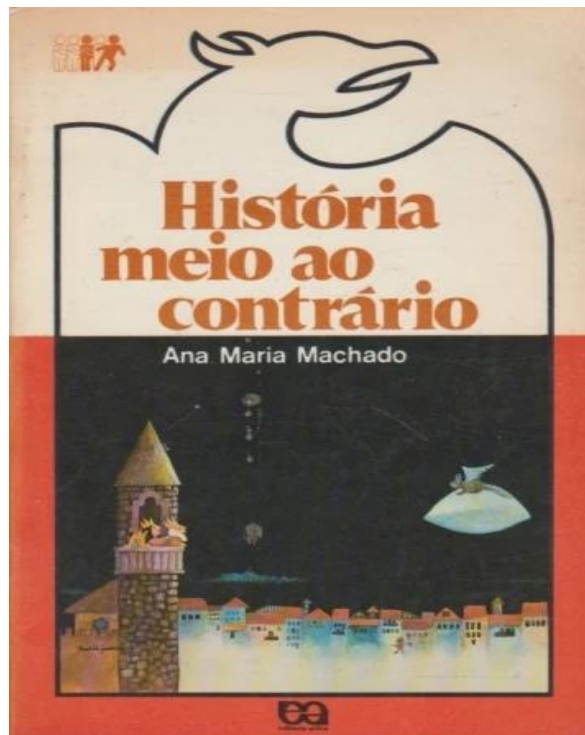
ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos.** São Paulo: Global, 1986

ZILBERMAN, Regina. MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Ensaio 82. Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação.** São Paulo: Ática, 1982.

ZILBERMAN, Regina. O estatuto da literatura infantil. In: _____; **A Literatura Infantil na Escola.** São Paulo: Global, 2012. p. 22-48.

ANEXOS

Anexo A - Capa da primeira edição do livro *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado, 1977.



Anexo B - *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado.

E ENTÃO ELES SE CASARAM TIVERAM UMA FILHA LINDA COMO UM RAIOS DE SOL E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE...

... E então eles se casaram, tiveram uma filha linda como um raio de sol e viveram felizes para sempre...

Tem muita história que acaba assim. Mas este é o começo da nossa. Quer dizer, se a gente tem que começar em algum lugar, pode muito bem ser por aí. Vai ser a história da filha desses tais que se casaram e viveram felizes para sempre. E a história dos filhos começa mesmo é na história dos pais. Ou na dos avós, bisavós, tataravós ou requetatataravós - se alguém conseguir dizer isso e lembrar de todas essas pessoas. Bom, tem alguém que lembra. Índio lembra. Em muitas tribos, pelo menos. Quando chega a noite e todo mundo se junta em volta da fogueira, muitas vezes os mais velhos ficam contando as histórias de todos os antepassados: avós, bisavós, todos esses que vieram antes, até chegar a vinte. De todos eles, cada índio tem que saber pelo menos duas coisas - onde está enterrado o umbigo e onde está enterrado o crânio. Quer dizer, onde o bebezinho nasceu e onde depois a pessoa morreu.

Mas isso é coisa de índio. Homem branco hoje em dia não liga mais para essas coisas. Prefere saber escalação de time de futebol, anúncio de televisão, capitais de países, marcas de automóveis e outras sabedorias civilizadas. Você sabe a história dos seus pais? E dos seus avós? E dos seus bisavós? Eu também não sei muito não. Mas quando não sei invento.

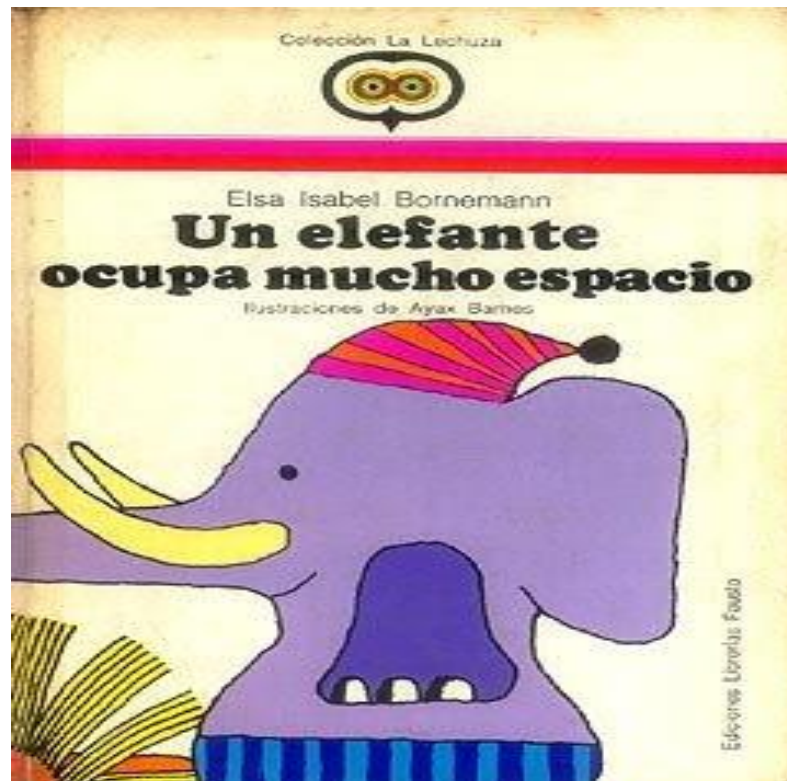
Gosto muito de inventar coisas. Por isso não sou muito boa contadeira de histórias. Fico misturando as coisas que aconteceram com as inventadas. Equando começo a conversar vou lembrando de outros assuntos, e misturando mais ainda. Fica uma história grande e principal toda cheia de historinhas pequenas penduradas nela.

Tem gente que gosta, acha divertido. Tem gente que só quer saber de histórias muito exatas e muito bem arrumadinhas - então é melhor mudar de história, porque esta aqui é meio atrapalhada mesmo e toda ao contrário. Ela nem começou direito e já apareceram aí em cima uns índios que não têm nada haver com história. Mas é que eu gosto muito de índios e piratas (por isso adoro a história de Peter Pan) e toda hora eu lembro deles.

Mas vamos começar de novo pelo começo.

Ou pelo fim, que esta história é mesmo ao contrário.

Anexo C - Capa da primeira edição do livro *Um Elefante ocupa muito espaço*, de Elsa Bornemann, 1975.



Anexo D – Conto – *Un elefante ocupa mucho espacio*.

Um elefante ocupa muito espaço

Que um elefante ocupa muito espaço, já todos sabemos. Mas o que muitos não sabem é que Vítor, um elefante de circo, resolveu uma vez pensar “à elefante”, isto é, teve uma ideia tão grande como o seu corpo... Por isso eu vou contá-la. Era verão e os domadores dormiam nas suas caravanas, alinhadas ao lado de um grande toldo. Os animais velavam, desconcertados. Não era caso para menos: cinco minutos antes, o papagaio voara de jaula em jaula comunicando-lhes a inquietante notícia.

O elefante tinha declarado uma greve geral e sugeria que nenhum deles atuasse na sessão do dia seguinte.

— Estás maluco, Vítor? — perguntou o leão, assomando o focinho por entre as grades da sua jaula. — Como te atreves a ordenar uma coisa dessas sem me teres consultado? Eu é que sou o rei dos animais!

O risinho do elefante espalhou-se na escuridão da noite como pedacinhos de papel. — Ah, o rei dos animais é o homem, companheiro, principalmente aqui, tão longe das nossas selvas...

— De que te queixas, Vítor? — interrompeu um pequeno urso, gritando da sua prisão. — Não são por acaso os homens quem nos dá abrigo e comida? — Tu nasceste aqui no circo... — respondeu-lhe Vítor docemente. — A mulher do tratador criou-te a biberão... Só conheces o país dos homens e não podes entender, ainda, a alegria de se ser livre...

— Pode-se saber para que é a greve? — resmungou a foca, abanando a cauda, nervosa.

— Até que enfim que alguém faz uma boa pergunta! — exclamou Vítor, entusiasmado, e logo lhes explicou que eles eram prisioneiros... que trabalhavam para o dono do circo encher os bolsos de dinheiro... que eram obrigados a executar ridículas provas para divertir as pessoas... que eram forçados a imitar os homens... que não deviam suportar mais humilhações, e assim e assado, mais isto e mais aquilo. (É que isto foi o aviso de fazer ver aos homens que os animais queriam voltar a ser livres... E que aquilo foi a ordem de greve geral...).

— Bah... Lérias... — riu-se o leão. — Como pensas comunicar com os homens? Algum de nós fala porventura a sua língua?

— Sim — assegurou Vítor. — O papagaio será o nosso intérprete — e enroscando a tromba nas grades da jaula, dobrou-as sem dificuldade e saiu. Em seguida, abriu uma a uma todas as jaulas dos seus companheiros. Daí a nada, todos pulavam cá para fora. Até o leão!

Disponível em: <http://www.casadejesus.edu.ar/assets/un.elefante.ocupa.mucho.espacio-3ro.pdf>

Elsa Bornemann, de 1977

DECRETO 3155/1977

Emisor: PODER EJECUTIVO NACIONAL (P.E.N.)

Sumario: Libros "Un elefante ocupa mucho espacio" de Elsa I. Bornemann y "El Nacimiento, los niños y el amor" de Agnés Rosenstiehl; prohibición de su distribución, venta y circulación; clausura transitoria de Ediciones Librerías Fausto.

Fecha de Emisión: 13/10/1977

Publicado en: Boletín Oficial 19/10/1977 - ADLA 1977 - D, 3865

Visto las facultades conferidas al Poder Ejecutivo por el art. 23 de la Constitución Nacional, durante la vigencia del estado de sitio, y

Considerando: Que uno de los objetivos básicos fijado por la Junta Militar en el acta del 24 de marzo de 1976, es el de reestablecer la vigencia de los valores de la moral cristiana, de la tradición nacional y de la dignidad del ser argentino.

Que dichos objetivos se complementan con la plena vigencia de la institución familiar y de un orden social que sirva efectivamente a los objetivos de la Nación.

Que del análisis de las publicaciones tituladas "Un elefante ocupa mucho espacio" de Elsa Isabel Bornemann, y "El Nacimiento, los Niños y el Amor" de Agnés Rosenstiehl, ambos de "Ediciones Librerías Fausto", surge una posición que agravia a la moral, a la familia, al ser humano y a la sociedad que éste compone.

Que en ambos casos, se trata de cuentos destinados al público infantil, con una finalidad de adoctrinamiento que resulta preparatoria a la tarea de captación ideológica del accionar subversivo.

Que "Ediciones Librerías Fausto" comparte dichos agravios y es contumaz en esa difusión.

Que actitudes como ésta constituyen una agresión directa a la sociedad argentina concretada sobre los fundamentos culturales que la nutren y los principales destinatarios de la acción de gobierno trascendente, lo que corrobora la existencia de formas cooperantes de disgregación social, tanto o más disolvente que los violentos.

Que una de las causas que sustentaron la declaración del estado de sitio fue la necesidad de garantizar a la familia argentina su derecho natural y sagrado a vivir con nuestras tradiciones y arraigadas costumbres.

Que conforme lo ha admitido la jurisprudencia de la Corte Suprema de Justicia de la Nación, el secuestro de una publicación y la clausura de una editorial se encuentran dentro de las facultades privativas del Poder Ejecutivo Nacional, acordadas por el mencionado art. 23 de la Constitución Nacional.

Por ello,

el Presidente de la Nación Argentina, decreta:

Art. 1° -- Prohíbese la distribución, venta y circulación, en todo el territorio nacional, de los libros "Un elefante ocupa mucho espacio" de Elsa Isabel Bornemann y "El nacimiento, los niños y el amor" de Agnés Resenstiehl, ambos de "Ediciones Librerías Fausto" y secuéstrense los ejemplares correspondientes.

Art. 2° -- Dispónese la clausura por el término de diez días de "Ediciones Librerías Fausto" con domicilio en Santa Fe 1715, Capital Federal.

Art. 3° -- Lo dispuesto en el artículo anterior no impedirá la realización de las tareas administrativas, inherentes a "Ediciones Librerías Fausto".

Art. 4° -- La Policía Federal dará inmediato cumplimiento a lo dispuesto en el presente decreto.

Art. 5° -- Comuníquese, etc. -- Videla. -- Harguindeguy.

Disponível em: <http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/normas/4853.pdf>